

FRANCISCO CARLOS ZAVEN

CARTILHA DA NATUREZA

PELO ESPÍRITO
CASIMIRO CUNHA

Cartilha Da Natureza

Francisco Cândido Xavier / Casemiro Cunha

A GRANDE FAZENDA

“E ele repartiu por eles a fazenda.” JESUS-LUCAS, 15:12

A natureza é a fazenda vasta que o Pai entregou a todas as criaturas. Cada pormenor do valioso patrimônio apresenta significação particular. A árvore, o caminho, a nuvem, o pó, o rio, revelam mensagens silenciosas e especiais.

É preciso, contudo, que o homem aprenda a recolher-se para escutar as grandes vozes que lhe falam ao coração.

A Natureza é sempre o celeiro abençoado de lições maternais. Em seus círculos de serviço, coisa alguma permanece sem propósito, sem finalidade justa.

Eis a razão pela qual o trabalho de Casimiro Cunha se evidencia com singular importância. O coração vibrátil e a sensibilidade apurada conchegaram-se a Jesus, para trazer aos ouvidos dos companheiros encarnados algumas notas da universal sinfonia.

Esta cartilha amorosa relaciona, em rimas singelas, alguns cânticos da fazenda divina que o Pai nos confiou. Envolvendo expressões na luz infinita do Mestre, Casimiro dá notícias das coisas simples, cheias de ensino transcendental. No relatório musicado de sua alma sensível, o milho, o pântano, a árvore, o ribeiro, o malhadouro, dizem alguma coisa de sua maravilhosa destinação, revelando sugestões de beleza sublime. É o ensino espontâneo dos elementos, o alvitre das paisagens que o hábito vulgarizou, mas se conservam repletas de lições sempre novas.

O trabalho valioso do poeta cristão dispensa comentários e considerações.

Entregando-o, pois, ao leitor amigo, não temos outro objetivo senão lembrar a fazenda preciosa que se encontra em nossas mãos.

A Natureza é o livro de páginas vivas e eternas.

Em abrindo a cartilha afetuosa de Casimiro, recordemos Aquele que veio a Terra, começando pela manjedoura; que recebeu pastores e animais como visita primeira; que foi anunciado por uma estrela brilhante; que ensinou sobre as águas, orou sobre os montes, escreveu na terra, transformou a água simples em vinho do júbilo familiar; que aceitou a cooperação de um burrico para receber homenagens do mundo; que meditou num horto, agonizou numa colina pedregosa, partiu em busca do Pai através dos braços de um lenho ríspido e ressuscitou num jardim.

Relembremos semelhantes ensinamentos e recebamos a herança do Senhor, não como o filho pródigo que lhe desbaratou os bens, mas como filhos providentes que procuram aprender sempre, enriquecendo-se de tesouros imortais.

Pedro Leopoldo, 20 de Maio de 1943.

Emmanuel

A ÁGUA

Água santa, bênção pura das bênçãos celestiais, que o Senhor te multiplique os doces mananciais.

Água que lavas o corpo de todas as criaturas, és a fonte de bondade que dimana das alturas.

Sangue vivo do planeta, na forma que aperfeiçoa, nos campos do mundo inteiro toda a terra te abençoa.

O teu impulso amoroso é vida, perfume, essência, és em todos os recantos, Mãe das forças da existência.

Por ti, há pomares fartos, doçuras no lar que abriga, ventos frescos no deserto, orvalho na noite amiga.

Água tranqüila e bondosa que acaricia o sedento, lavas manchas, lavas sombras, desde o solo ao firmamento.

Aclaras a imensidade, na borrasca, no escarcéu, circulas em toda a terra, depois de voltar ao céu.

Água santa, irmã da paz, da abundância, da limpeza, guardas o dom da vida nas luzes da Natureza.

Doce bem da Divindade que envolve os lares e os ninhos, és a terna mensageira do amor de Deus nos caminhos.

Em todo o lugar do mundo, haja paz, haja discórdia, és a bênção paternal da Eterna Misericórdia.

A ARANHA

Geralmente, em toda parte, no ângulo mais sombrio dos recantos desprezados, vem a aranha e tece o fio.

Escura, silenciosa, atendendo ao próprio instinto, seja dia, seja noite, vai fazendo o labirinto.

Por manter o enorme enredo, insiste e nunca esmorece, condenar-se por si mesma é seu único interesse.

Desdobrando movimentos nos impulsos insensatos, pratica perseguições, multiplica assassinatos.

Insetos despreocupados, na ilusão cariciosa, transformam-se em prisioneiros da pequena criminosa.

Satisfeita, a aranha escura.

Prossegue na horrenda lida, nos venenos que segrega traz a morte e suga a vida.

Mas um dia, o espanador, na luta material, vem e arranca essa infeliz das teias de horror do mal.

A aranha, porém, não cede, com teimosia e com arte, foge ao bem que se lhe fez, e vai tecer noutra parte.

Quem medita na conduta dessa aranha renitente, encontra a cópia fiel da vida de muita gente.

A muitos presos do engano, Deus envia a dor e as provas; Mas, depois de liberdade, Vão prender-se em redes novas.

A BOA ÁRVORE

Nos quadros vivos da Terra, desde a sua formação, a árvore generosa é imagem da Criação.

É a vida em Deus que nos ama, que nos protege e nos cria, que fez a bênção da noite, e a bênção da luz do dia.

Seus ramos são como a infância, as flores, a adolescência, seu fruto, a velhice amiga repleta de experiência.

Seu trono transforma sempre toda a lama da raiz, no pomo caricioso, alegre, doce e feliz.

As sementes que renascem, com método e perfeição, são nossas almas na lei de vida e reencarnação.

Silenciosa na estrada, seu exemplo nos ensina a refletir sobre a Terra na Providência Divina.

Se a poda foi rude e forte ao rigor do braço humano, sua resposta mais bela é mais frutos no outro ano.

Se tomba desamparada ao pulso do lenhador, faz-lhe a casa, dá-lhe a mesa, aquece-o com mais amor.

Dá sombra a todos que passam, sem jamais saber a quem, colocada no caminho, seu programa é sempre o bem.

É santa irmã de Jesus essa árvore estremecida: Se vive, palpita em Deus, se morre, transmite a vida.

A BONECA

Quase em todos os lugares, vencendo tempo e distância, a boneca sempre atrai a grande atenção da infância.

Em torno dela palpitam, mil castelos pequeninos; É a doce futilidade do coração dos meninos.

Nesses campos infantis há luta, rixa, esperança. . .
É tão frívola a boneca!
Mas faz feliz a criança.
Sabem disso os pais bondosos e, notando a experiência, atendem aos pequeninos sem recursos à violência.
Não dilatam fantasias, não mentem por enganar, mas se valem da boneca no intuito de ensinar.
Cada coisa, cada gesto, da mais ínfima expressão, são vistos e aproveitados na esfera da educação.
A boneca inanimada constitui sempre o motivo, de lições maravilhosas, de trabalho evolutivo.
Há no mundo muitos homens, sem propósitos do mal, que guardam muitas bonecas da infância espiritual.
Junto deles, não condenes, não tenhas reprovação, não te faças de menino, jamais lhes negues a mão.

A BÚSSOLA

Na viagem rude e longa em região solitária, a todos os viajores a bússola é necessária.
Quando a jornada é difícil, aquele que a tem, de perto, vai seguindo confortado na bênção do rumo certo.
Sofrem ventos formidandos e a sombra promete a morte, a bússola honesta e firme não perde a visão do Norte.
Muita vez, em mar revolto, nas zonas desconhecidas, atende, silenciosa, dando fé, salvando vidas.
Tudo angústia da borrasca e trevas de nevoeiro, mas a bússola responde aos olhos do timoneiro.
De outras vezes, no deserto, se palpita a inquietação, traduz generosamente o conforto e a direção.
Em meio a vacilações, significa o resumo de grandes consolações a quem ame o próprio rumo.
Tanto em água revoltada, como em areia, em espinho, a bússola generosa jamais esconde o caminho.
Nas rudes experiências da romagem terrenal, não se pode prescindir do rumo espiritual.
Se caminhas neste mundo, sejas moço, sejas velho, não esqueças, meu amigo, a bússola do Evangelho.

A CAÇAROLA

Dos serviços da cozinha onde há sempre grande escola, lembremos o ensinamento da obscura caçarola.

Ao receber substância indispensável à mesa, requisita vigilância no que concerne à limpeza.

Utilizada em serviço, embora pobre e singela, pede todos os desvelos das mãos que se servem dela.

Por limpá-la, muitas vezes é justa a grande atenção; Largos banhos da água pura, doses fortes de sabão.

Se não bastam tais processos, um esforço mais ativo: Recursos da água fervente misturada a corrosivo.

De outra forma é descuidar da pureza do alimento, entregar o pão do corpo ao lixo e ao relaxamento.

A erva mais saborosa, o leite nevado puro, na panela descuidada são coisas para o monturo.

Caçarola maltratada, sem o concurso do asseio, faz o pão envenenado, escuro, amargoso e feio.

Vendo o quadro, não te esqueças que os nobres ensinamentos são substâncias que nutrem a fonte dos pensamentos.

Receber lições divinas sem limpar o coração, é transformar dons de vida em sombras de confusão.

A CACHOEIRA

Quando passes meditando no cimo da ribanceira, repara na majestade que espelnde na cachoeira.

É bom pensar na grandeza que a sua potencia encerra; Na entrosagem dos elementos das forças de toda a Terra.

No lugar mais solitário, é cântico de alegria, derramando em derredor a abundancia de energia.

Para dar-se em benefícios, a sua maior ciência não quer admiração, pede esforço e inteligência.

Mesmo longe das cidades, depois de compreendida, a cachoeira renova a expressão dos bens da vida.

Retamente aproveitada, é fonte de evolução, movendo milhões de braços nas lutas do ganha-pão.

É mãe generosa e augusta das fábricas de trabalho, que distribui, no caminho, a luz, o pão, o agasalho.

E aprendemos na lição, quando a vemos, face a face, que a água buscou um abismo por onde se despenhasse.

Nesse símbolo profundo, de grandeza e dinamismo, vemos nós o amor de Deus e a extensão do nosso abismo.

Nós somos o sorvedouro de misérias e discórdia; Deus é a eterna cachoeira de luz e misericórdia.

A CANDEIA

A sombra desce de manso, o silêncio volve aos ninhos, é a noite cariciosa que se estende nos caminhos.

Na casa pequena e simples que é refúgio da pobreza, é mais densa a escuridão que amortalha a Natureza mas no quadro desolado perpassa a bênção do amor, a candeia humilde e rude clareia do velador.

Na sala desguarnecida da morada carinhosa, sua luz mostra a beleza de uma estrela generosa.

Aproveita-se-lhe o encanto na esfera da utilidade, mas quase ninguém lhe vê o espírito de humildade.

Seu processo de ajudar nas sombras da noite escura, revela lição sublime ao plano da criatura.

Por servir de fonte calma ao clarão bondoso e amigo, ela queima a provisão de tudo que tem consigo. consome o óleo, a torcida, perde o brilho, perde a graça, suporta o calor do fogo, sofre o assédio da fumaça.

E Guarda, com Deus, a glória de haver produzido o bem, sem ferir qualquer pessoa, sem prejuízo a ninguém.

Quem deseje iluminar, proceda como a candeia: A si mesmo se ilumine sem reclamar luz alheia.

A CANGA

Pleno campo, céu de anil, que o sol dourado ilumina, a primavera traz flores de fragrância peregrina.

Em tudo palpita o belo na sublime transcendência, das dádivas generosas na Divina Providência.

Os bons, porém, desconhecem se há mistérios da beleza e gastam no atrito longo as forças da Natureza.

Acende-se a luta enorme, chifradas, golpes violentos, ruído ensurdecedor, pêlos rotos, pés sangrentos.

Há flores espatifadas nos caminhos da abundância, é cegueira, dor e morte em males da ignorância.

Mas, um dia, o lavrador, notando a exigência ativa, vendo a zona perturbada, traz a canga educativa.

Os brigões acham de novo a paz, a harmonia, o bem.

O sofrimento em conjunto é o campo que lhes convém.

Toleram-se mutuamente sem rixas nem desatinos, e aprendem a trabalhar sem desprezo aos dons divinos.

Muitas vezes também, no mundo, parentesco e obrigação, são recursos necessários as luzes da educação.

Amigo, se estás na canga de lutas indefinidas, não fujas, atende a Deus, cura os males de outras vidas.

A CANGALHA

Nos círculos de serviço, toda a gente que trabalha nem sempre sabe entender a nobreza da cangalha.

Não fosse ela, entretanto, que atende, promete e faz, e talvez o campo inteiro viveria estranho à paz.

Convenhamos na prudência que vem do rifão de antanho – basta, às vezes, uma ovelha para perder o rebanho.

O luar deseducado, que a força brutal anime, nunca perde ensejo ao coice e está sempre pronto ao crime.

Viveu ao léu, ameaçando a golpes de grosseria; Aparentando brandura, transborda selvageria.

Transforma-se, comumente, no animal rude e vilão, que se esquivava do trabalho, por preguiçoso e ladrão.

Todavia, chega o instante em que a cangalha, bondosa, comparece orientando, honesta, laboriosa.

Ligada por laço forte ao amigo da indolência, dá-lhe os bens da utilidade em luzes de experiência.

Perguntemos a nós mesmos, notando-a, modesta e bela, quais os homens deste mundo que podem viver sem ela.

O dever, como a cangalha, que tanta grandeza encerra, é a balança de equilíbrio nas vidas de toda a Terra.

A CAPA

Enquanto vibra o calor do verão, em luz florida, a capa confortadora permanece recolhida.

Em tudo há sol claro e quente, após a bênção do orvalho. . .

Oculto-se a capa amiga nas reservas de agasalhos.

Entretanto, chega um dia, que surge na imensidão, envolto de sombras frias e sopros de tempestade.

Rajadas dilacerantes invadem a atmosfera, não mais a carícia doce das tardes de primavera.

De outras vezes, muito embora cesse a grande ventania, continua o inverno forte, torturando noite e dia.

Ar gelado, névoas densas ao longo de toda a estrada, se a neve não cai do céu, a terra sofre a geada.

É quando a capa bondosa aparece no caminho, como a terna mensageira do consolo e do carinho.

Requestada em toda parte, no tempo frio e brumoso, trabalha, conforta e ajuda, sem as pausas do repouso.

Assim, no inverno das dores que trazem desolação, a crença é a capa celeste que agasalha o coração.

Mas no mundo há muito crente, que quando padece e chora, desatende a Providência e atira com a capa fora.

A CAPINA

Nos serviços de defesa da semente que germina, não se pode descuidar dos trabalhos da capina.

Em torno à planta que nasce no escuro lençol do chão, surgem ervas venenosas formando comprida esteira tentando a sufocação crescem fortes, espontâneas, nocivas e desiguais, formando comprida esteira de grosseiras ervaçais.

Alastram-se em toda parte...

São verduras traiçoeiras e, se vivem conformadas, dominam a roça inteira.

Que o lavrador cuidadoso jamais se esquive à atenção, trazendo-lhe, decidido, a justa eliminação.

Ainda que mostrem flores entre os ramos de alegria, que todas sejam tratadas a lâmina da energia.

Enquanto o grão não se forme para a colheita madura, capine a enxada ao redor, tão atenta, quão segura.

De outro modo, o mato inútil, vadio, cruel, sem nome, rouba grelos promissores, deixando ruína e fome assim no mundo, igualmente, quem deseje o nobre dom, destrua dentro de si mesmo todo impulso menos bom.

Cultiva diariamente a vida elevada e sã: Não te esqueças da capina se queres fruto amanhã.

A CARPINTARIA

Nem todos identificam, no curso de todo o dia, a lição maravilhosa que vem da carpintaria madeira escura e selvagem, do seio da natureza, vem de longe por buscar a forma e a delicadeza.

Ao rumor do maquinismo que se agrupa na oficina, o artífice representa a Inteligência Divina a serra corta vibrando, a enxó elimina a aresta, o torno canta a harmonia, tudo em júbilos de festa.

O esforço de seleção efetua-se a capricho; Sujidades, excrescências, são matérias para o lixo.

A simples madeira bruta, na grande transformação brilha agora na obra prima de serviço e perfeição.

Todavia, para isto, as peças e os elementos submeteram-se humildes a pressão dos instrumentos.

Assim também a alma humana, na oficina da existência precisa submeter-se às plainas da experiência.

Recordemos, sobretudo, com humildade e com fé, o Divino Carpinteiro que passou por Nazaré.

Busquemo-lo nos caminhos, e atende, meu caro irmão: Se queres a Luz da Vida entrega-lhe o coração.

A CERCA

Contempla a cerca da estrada, que te serve sem jactância.

A sua atitude humilde é um ato de vigilância.

Seja feita de cimento ou de estacadas singelas, ela esclarece que a vida precisa de sentinelas.

Sua lição excelente não cessa de proclamar: Cada terreno a seu dono, cada coisa em seu lugar.

É cuidadosa, é sincera, dá combate à confusão, fornece norma aos serviços, faz contas de divisão.

E, desse modo trabalha, tecendo a paz do teu ninho.

É a cerca que te garante tanto o lar, como o caminho.

Repara que a tua vida é um mundo de ocupações: Ai de ti se desordenas as tuas obrigações.

Através da luta enorme das dores e do destino, tua alma tem de passar em busca do bem divino.

Certamente encontrarás calúnias e tentações, brutalidades, malícias, serpentes, feras, ladrões.

Recorda a lição da cerca: A cada coisa o seu custo.

E abre a porteira amiga, a tudo que seja justo.

Sem isso, não é possível o bem de qualquer missão.

Sem clareza na tarefa, tudo é sombra e confusão.

A CHUVA

Folhas secas. Terra ardente.

Calores. Desolação.

Mas a chuva vem do céu trazendo consolação.

Toda semente que é boa, entre júbilos germina, e a bela fecundação da natureza divina.

As árvores ganham forças, alimpa-se a atmosfera, a verdura em toda parte tem cantos da primavera.

Às cidades, como aos campos, aos ninhos, à sementeira, o pombo níveo da paz traz o ramo da oliveira.

Sopra o vento brando e amigo, em vagas cariciosas, levando a mensagem doce que nasce do odor das rosas.

A chuva que cai do alto e benção que se derrama...

Na flor é orvalho celeste, no pó do chão faz a lama.

Assim, também, os ensinamentos, que nos dão verdade e luz, são a chuva generosa da inspiração de Jesus.

Cai sobre todos. No amor é raio de perfeição, mas no pó da ignorância é falsa compreensão.

Deus, porém, que é Pai Bondoso entre as leis universais, faz com que a lama produza sementes, flores, trigais.

Eis a razão pela qual nossa indignação produz: Inda mesmo em nossas sombras, o evangelho é sempre luz.

A CONSTRUÇÃO

O homem sensato e nobre, quando faz a moradia, toma alvitres à prudência, conselho à sabedoria.

Primeiramente examina o local, a posição, e edifica os alicerces devidos à construção.

Não se cansa de escutar as vozes da sensatez, que sugerem vigilância e induzem à solidez.

Muito antes da parede, da janela, do portal, reflete fazendo contas e escolhe o material.

Raciocina por si mesmo, não perde ponderações, e estuda todo problema das suas aquisições.

Não se atira a preço baixo, de matéria condenada; A sucata não lhe serve, nem madeira carunchada.

Acima de toda idéia.

Vibra a idéia de seu lar, seleciona a caráter cada coisa em seu lugar.

Impõe-se nos seus desejos, sereno, prudente, ativo; O senso da qualidade garante-lhe o objetivo.

Esse homem previdente dá lições a cada qual, na construção do edifício da vida espiritual.

Escolhe teus pensamentos no dever que te governa.

Idéias, palavras, atos, constroem-te a casa eterna.

A COVA

Raro é aquele que medita contemplando a terra impura, no trabalho peregrino da cova pequena e escura.

Assemelha-se à ferida sobre a leira dadivosa, indicio de golpes fundos da enxada laboriosa.

Mas, na essência, a cova simples, singela, desconhecida, é o altar da Natureza, celebrando a luz da vida.

É seio aberto à beleza, ao bem que se perpetua, a existência renovada que se eleva e continua.

É o sepulcro onde a semente, em sombra e separação, vai, morrendo, reviver nas bênçãos da Criação.

E eis que a vida se elabora nessa doce intimidade, renovando-se aos impulsos de força e imortalidade.

Depois do apodrecimento, germinação e esplendores, verdes galhos de esperança, tenros ninhos promissores.

Mais tarde, o tronco, a colheita na fartura indefinida...

Tudo, a obra generosa da cova humilde e esquecida.

Esse símbolo expressivo vem lembrar, à criatura, o campo do cemitério e o quadro da sepultura.

Inda aí, a cova amiga é sempre o sublime umbral, porta aberta ao crescimento no plano espiritual.

A DERRUBADA

Rangem troncos seculares aos golpes do lenhador.

É o machado formidando no impulso renovador.

Toda a floresta se agita em terríveis convulsões, continua a derrubada que precede as plantações.

Sol quente. Suor. Serviço.

E as árvores vigorosas estraçalham com fragor as frondes cariciosas.

Após o trabalho ingente, a invasão do fogaréu; Fumo espesso devorando a doce amplidão do céu.

Gritam aves assustadas, sem ninho, sem paz, sem guia, animais inferiores vão fugindo em correria.

A seguir vem a coivara completando a grande prova, é o termo da derrubada a favor da vida nova.

Somente aí são possíveis, pasto verde e espiga loura, pomares e sementeiras, celeiro, casa e lavoura.

Já observastes que o homem, ao longo de toda a estrada, precisa também, por vezes, das foices da derrubada? É a dor proveitosa e rude, surgindo em golpes violentos, a força que retifica a mata dos sentimentos.

Sem trabalho não teremos, no caminho universal, nem casa com Jesus - Cristo nem pão espiritual.

A ENCHENTE

O quadro é lindo e imponente na calma da natureza, a massa da água é mais bela, mais suave a correnteza.

O rio enorme extravasa, conquistando as cercanias, encaminha-se às baixadas, desce às furnas mais sombrias.

A torrente dilatada estende a dominação, refresca e fecunda o solo nas zonas de plantação.

Mas, em haurir-lhe a grandeza, os bens, a virtude, a essência, precisa-se em toda parte muita luta e previdência.

Aterros, diques, cuidados, trabalhos e sacrifícios, todo esforço é necessário por colher-lhes os benefícios.

Sem isso reduz-se a enchente às grandes devastações, ameaças, lodo e vermes, mosquitos, flagelações.

A abundância generosa foi vista e considerada; Entretanto, a imprevidência guarda a lama envenenada.

Reconhecendo a beleza deste símbolo profundo, podemos ver no seu quadro muita gente deste mundo.

O poder, a autoridade, a fortuna, a inteligência, são enchentes dadivosas da Divina Providência.

Mas, se o homem não vigia, é várzea que inspira dó.

A abundância não lhe deixa mais que lodo, lixo e pó.

A ENXADA

No conjunto dos trabalhos, a enxada pobre e esquecida é uma agulha generosa que borda o lençol da vida.

Com desvelos carinhosos, faz o berço às sementeiras, protege os rebentos frágeis, traçando caminho às leiras.

Essa agulha delicada, vibrando de pólo a pólo, aperfeiçoa a paisagem, lançando mais vida ao solo.

Obediente e bondosa, coopera com o lavrador, e onde passa costurando, eis que o chão transborda em flor.

Devem-lhe muito os celeiros na colheita farta, imensa, mas a enxada dadivosa nunca pede recompensa.

Sem prazer está nas lutas, nos trabalhos naturais; Alguém lucra em seus esforços? Mais serviço e terás mais.

Não sabe se há chuvas fortes, se há calor de requeimar, disposta sempre ao possível, tem gosto de trabalhar.

Modesta, criteriosa, atende ao labor que a chama, fiel ao bom lavrador, executa o seu programa.

Instrumento valoroso, que não trai nem esmorece, exemplifica no mundo a humildade que obedece.

Imagina a tua glória, teu triunfo jamais visto, quando fores boa enxada nas divinas mãos do Cristo.

A EROSÃO

Quem busca na paz do campo os bens da contemplação, costuma encontrar, por vezes, as surpresas da erosão.

Dos cumes da paisagem, eis que a visão descortina horizontes luminosos na vastidão peregrina!

Em torno rebentam flores nas folhagens perfumosas, entre as árvores e os ninhos sopram brisas buliçosas.

Misturando-se , à verdura, há caminhos de enxurrada, formando abismos escuros na terra dilacerada.

Em derredor, tudo é glória do campo verde e florido; Céu de anil, promessa e luz, mas o solo está ferido.

Somente à custa de esforço, de luta excessiva e estranha, é possível reparar as úlceras da montanha.

É um quadro que faz lembrar as almas de grande altura, que, embora a ciência e o brilho, tem abismos de amargura são montes iluminados de sonho e conhecimento, mas, degradados por vezes, nos planos do pensamento.

Recebem, da luz de Deus, dons sublimes e infinitos, mas se deixam avassalar de enxurradas e detritos.

Quem guarde na intimidade tais feridas de erosão, e que vive sem defesa nos campos do coração.

A FAXINA

De manhã, em toda casa, ar puro, janela aberta, a higiene determina o movimento de alerta.

É o asseio proveitoso que começa com presteza, expulsando o pó de ontem nos serviços da limpeza.

A vassoura range, range, no polimento ao soalho, sem desprezar coisa alguma na expressão do seu trabalho.

Vêm escovas cuidadosas ao lado de espanadores e renova-se a paisagem dos quadros interiores.

A água cariciosa que se mistura ao sabão, carrega o lixo, a excrescência, enche baldes, lava o chão.

Os livros desafogados mostram ordem nas fileiras, convidando ao pensamento do cinco das prateleiras.

Os móveis descansam calmos, de novo brilho o verniz.

Toda a casa fica leve, mais confortada e feliz.

A limpeza efetuada é novo impulso à energia, multiplicando as estradas de esforço e sabedoria.

A faxina, qual se chama, na linguagem da caserna, tem seu símbolo profundo nos campos de vida eterna.

Muita gente sofre e chora, na dor e na inquietação, por nunca fazer faxina nas salas do coração.

A FAZENDA

O dia vem longe ainda, fulgura o brilho estelar...

Mas nos campos da fazenda é hora de trabalhar.

O dever chama aos serviços da luta risonha e sã, na divina voz das aves que cantam pela manhã.

A tarefa atinge a todos nos roçados, no paiol, tudo expressa movimento precedendo a luz do sol.

Ali, corta-se, acolá dispõe-se de novo a leira, aqui, combate-se os vermes que atacam a sementeira.

Ninguém pára. Todos lutam.

Há cantares da moenda, contando a história do açúcar nos caminhos da fazenda.

Entretanto, se o programa é repouso, calma e sono, em breve, a propriedade vive em trevas do abandono.

Serpentes invadem campos, há cipó destruidor, o mato chega às janelas, procurando o lavrador.

Enquanto a enxada descansa esquecida e enferrujada, a casa desprotegida prossegue em derrocada.

Quem não vê na experiência tão simples, tão conhecida, a zona particular nos quadros da própria vida?

Rico ou pobre, fraco ou forte, não te entregues à inação, que a vida é a fazenda augusta guardada na tua mão.

A FERRAMENTA

O êxito no trabalho, com que o homem se apresenta, depende da vigilância que se deve à ferramenta.

A enxada laboriosa, que coopera e não se cansa, pede zelo no serviço, para agir com segurança.

A agulha por ministrar benefícios e atenções, não dispensa tratamentos, desvelos e condições.

Nos trabalhos do tecido, em tudo que atinja o assunto, o tear pede harmonia nas peças do seu conjunto.

A própria cozinha humilde, no que diz respeito a ela, reclama copo aseado e limpeza na panela.

No círculo das tarefas, da mais simples à maior, descuidada a ferramenta, tudo vai pelo pior.

Sem isto, qualquer serviço inclina-se à negação e tende com rapidez às sombras da confusão.

Instrumento corrompido marca início de insucesso.

Sem lutas de vigilância, não há bênçãos de progresso.

O problema do utensílio, é tão belo quanto profundo...

Lembra sempre que teu corpo atende essa lei no mundo.

Viveres de corpo ao léu, estranho aos cuidados teus, é injúria feita ao trabalho, menosprezo aos dons de Deus.

A LÃ

Em todas as latitudes da terra que aperfeiçoa, é sempre meiga e bem vinda a lã carinhosa e boa.

Conserva a saúde e a vida, nos invernos, nos trabalhos, e mãe delicada e nobre dos mais puros agasalhos.

Faz frio? Desceu a noite em borrascas escarminhas?

A lã protetora e santa vai vestir as criancinhas.

Há velhice amargurada movendo-se quase morta?

A divina benfeitora vem de leve e reconforta.

Enfermos entristecidos atados a grandes dores?

Recolhe-os bondosamente em ninhos de cobertores.

Presta aos homens neste mundo auxílio amoroso e forte, desde o berço da chegada, ao leito de dor na morte.

Heroína afetuosa de serviço e de bondade, preserva no mundo inteiro o corpo da Humanidade.

Quem a veste, conservando-a, encontra incessantemente a couraça que resiste ao frio mais inclemente.

Lembremos, vendo-a servir sem recompensa e sem palmas, o Cordeiro que dá lã necessária a nossas almas.

Não te doa nos caminhos o inverno de angústia e pranto: vistamos os sentimentos em lã do Cordeiro Santo.

A FACA

A faca, inegavelmente, embora não acerada, oferece algum perigo à pessoa descuidada.

Entretanto, muitas vezes, no serviço rude e forte, não se pode prescindir do concurso do seu corte, pleno campo. Plantações.

Verdura a perder de vista.

A faca auxilia sempre no trabalho ruralista.

Nas fábricas operosas, onde a prudência a conserva, está pronta e decidida no serviço ou na reserva.

No esforço de cooperar, permanece dia inteiro atendendo eficazmente ao lado do sapateiro.

Contribui nas selarias, onde o trabalho é uma escola, obedecendo ao seleiro, dando o bem, cortando a sola.

Em casa, está sempre firme, excelente companheira, respondendo a muito caso que concerne à cozinheira.

Depois de formar, atenta, no preparo à refeição, segue, humilde, para a mesa e ajuda a partir o pão.

Mas a faca que é tão útil, tão valorosa e singela, é muito desagradável no pulmão ou na costela.

Forçoso é reconhecer que a faca vive a ensinar que cada coisa no mundo tem seu tempo e seu lugar.

A FLOR

Olhai os lírios do campo vestidos de aroma e luz!...

Este apelo vem do ensino do Evangelho de Jesus.

O Mestre ensinou que a flor, sem qualquer preocupação, é mais rica e mais formosa que a pompa de Salomão.

Diversos homens sem Cristo, de mente pobre e enfermiza, supuseram nesse apelo a exaltação da preguiça.

A lição, porém é outra: A força de sua essência louva em tudo, antes de tudo, o trabalho e a obediência.

Bem poucos homens reparam que na selva, ou no jardim, toda flor revela e guarda harmonia até o fim.

Sua doce formosura é bem que nunca se esvai, enfeitando os aposentos da Casa de Nosso Pai.

Se alguém a separa da haste, quando nada mais lhe resta, completa com a sua dor, os júbilos de uma festa.

No lamaçal, nas estufas, na miséria ou na opulência, a alegria harmoniosa é a vida de sua essência.

A flor pequenina e frágil, que nasce e perfuma à-toa, revela que em toda a parte a vida é formosa e boa.

O que é preciso é guardar, na aspereza mais sombria, a fé no Pai de Bondade ao ritmo da alegria.

A LAGARTA

A árvore é grande e bela, mas, na copa que se alteia, intromete-se a lagarta escura, disforme e feia.

No troco maravilhoso, folhas verdes, flores mil. . .

O traço predominante é a nota primaveril.

E basta uma só lagarta de minúscula expressão, por fazer, na árvore toda, estrago e devastação.

De fato, o conjunto verde é nobre, forte e preciso; mas, em todos os detalhes, há sinais de prejuízo.

A lagarta rastejante, mostrego em miniatura, vai de uma folha a outra, dilacerando a verdura.

As flores, embora belas, perfumosas e garridas, aparecem deformadas, nas corolas carcomidas.

O passeio da lagarta, que demora e persevera, perturba toda expressão da filha da primavera.

Por mais que enflora e se esforce, a árvore peregrina trai, aos olhos, a existência do verme que a contamina.

Encontramos na lição, desse pobre vegetal, o homem culto e bondoso com o melindre pessoal.

Há muitas almas na Terra, de feição nobre e segura, mas o melindre é a lagarta que as persegue e desfigura.

A LÂMPADA

Em casa, a lâmpada acesa, singela e despercebida, constitui lição patente das mais nobres que há na vida.

Contra a noite escura e espessa, que se espalha e reproduz, envolve-se de energia, resplandece e traz a luz.

Seu trabalho é grande e simples, difundindo o sol do bem.

Não discute, não pergunta, dá sempre, não olha a quem.

Ilumina o gabinete de pesquisa ou leitura, como aclara a agulha humilde da máquina de costura.

Envolve com a mesma luz a velhice, a enfermidade a infância, a alegria, a dor, e os sonhos da mocidade.

Há tumultos, há prazeres?

Amarguras, agonia?

Se não sofre violência, eis que a lâmpada irradia.

Serena, silenciosa, não se aflige, não consulta, nada pede, além da força que lhe vem da usina oculta.

Revela todo detalha, sem contendas, sem perigo.

A sua demonstração é o foco que traz consigo.

Não exige condições por servir e iluminar, e define seu ruído cada coisa em seu lugar.

Pensemos em nossa glória quando formos, irmãos meus, como lâmpadas do Cristo na usina do amor de Deus.

A LAVOURA

Pelo bem da roupa limpa não se esqueça a criatura dos serviços que custou o esforço da lavadura.

Raramente se recorda, na tarefa rotineira, o trabalho, o sacrifício do campo da lavadeira.

Porque, em verdade, a tarefa, inclui disciplina e dores, não se lava roupa suja, usando perfume e flores.

Por limpar-se no caminho necessário à experiência, não foge à imersão completa nas águas da Providência.

Não dispensa o gosto amargo do concurso do sabão, alijando-se a bagagem de sujidade ou carvão.

Passado o atrito da esfrega, que impõe cansaço e aspereza, transporta-se ao coradouro, apurando-se a limpeza.

Depois, é a volta bendita, à água cariciosa, que atende à saúde humana, com bênçãos de mãe bondosa.

Qualquer recurso ao lavar, com sabão ou corrosivo, requisita paciência, vigilância e esforço ativo.

O serviço dessa ordem faz lembrar ao pensamento a lavadura precisa as roupas do sentimento.

Vivamos tranqüilamente, sem olvidar, entretanto, que nossa alma necessita lavar-se em suor e pranto.

A LENHA

Essa lenha pobre e seca, que se entrega com bondade, é sugestão do caminho e exemplifica a humildade.

Já pensaste em seu passado?

Um lenho seco... que era?

Talvez o galho mais lindo dos dias da primavera.

Quem sabe? talvez um tronco, terno abrigo nos caminhos, um palácio nobre e verde de flores e passarinhos.

No entanto, em missão de auxílio, com santa resignação, não se nega a cooperar nas máquinas de carvão.

Em noite chuvosa e fria, ela é a doce companheira que aquece as recordações, crepitando na lareira.

Ao seu calor, os mais velhos acham prazer na lembrança; os mais moços a alegria de comentar a esperança.

Morrendo animosamente, em chamas de luz e graça, ela sabe que é de Deus, por isso trabalha e passa.

Se viveu rindo e cantando, entre seivas e prazeres, com os mesmos encantamentos, cumpre os últimos deveres.

Ah! quão poucos na jornada convertem reminiscências em calor, vida e perfume de novas experiências!...

Mas chega o dia em que o homem, sem combater, sem negar-se, precisa, como essa lenha, da coragem de apagar-se.

A MESA

Quando o homem precisa amor e delicadeza, concedeu-lhe a Providência a benção de paz da mesa.

Desde então, em toda parte, na esfera em que a luta brilha, a mesa assinala o passo da tribo para a família.

Quer Deus que ela seja em tudo bondade, ternura, altar, seja em tábua, seja em ouro, outro lar dentro do lar.

Decidem-se, à frente dela, os destinos das nações; é mãe civilizadora de todas as gerações.

Ajuda, em missões do ensino, aos professores e aos pais, serve ao campo das igrejas, das escolas e hospitais. Revelando caridade que a palavra não traduz, oferece o pão do corpo, como oferta o pão da luz.

A Providência Divina, procurando auxiliar, deu-a ao campo evolutivo para o homem conversar.

Junto dela, o Cristo Amado, no socorro aos nossos planos, deu a ceia aos companheiros e o banquete aos publicanos.

Em torno à mesa, cultiva respeito, verdade, amor; ela é dádiva perfeita da esfera superior.

Nos serviços rotineiros, não olvides, meu irmão, que a mesa de tua casa é o lar da conservação.

A MINA

É o poço escuro e enorme que a mãe Natureza ensina, entre exemplos de trabalho, a grande lição da mina.

Picaretas formidandas, batendo a terra escabrosa, procuram localizar a matéria preciosa.

Sob rudes ameaças, constroem-se galerias, o filão exige sempre sofrimentos e agonias.

Aqui, maquinismo imenso, acolá, perfuradores, na conquista do metal das zonas inferiores.

Milhares de braços fortes, calejados na aspereza, afrontam a treva e a morte nas sombras da Natureza.

Depois de suor intenso, nas câmaras do trabalho, retira-se para exame grande acervo de cascalho.

Mas o ouro em toda parte tem problemas e programas, em toneladas de pedra, dá somente poucos gramas.

De muita luta e serviço, em provações da coragem, a mina fornece o ouro em pequena porcentagem.

Repara que a vida humana, doente, pobre ou faustosa, em todo lugar da Terra é mina laboriosa.

De muito cascalho inútil, nas labutas da existência, aprende a extrair na vida o ouro da experiência.

A MONTANHA

Dentre todas as paisagens, talvez a mais bela e estranha, é aquela que se observa na solidão da montanha.

Dura e estéril muitas vezes, deserta, triste, empedrada, a montanha nos parece a terra amaldiçoada.

Entre as rochas do seu corpo, florescem cardos somente, flores rudes e espinhosas da soledade inclemente.

Seus píncaros elevados, na figura da paisagem, chamam somente a atenção do espírito de coragem.

Comparada ao movimento do vale em relva macia, fornece a impressão penosa da aridez e da agonia.

Entretanto, em todo tempo, é a sua força que encerra o amparo cariciosa aos vales de toda a Terra.

Sem sua dureza agreste, repleta de solidão, as planícies morreriam por falta de proteção.

É ela a mão silenciosa da energia que produz; no seu cume nunca há sombras, seu dia inteiro é de luz.

No mundo, as almas do amor, mais sábias, mais elevadas, são montanhas que parecem estéreis e desprezadas.

Todavia, é o sacrifício, de sua desolação, que sustenta em toda a vida os vales da evolução.

A MUDA

Quem penetre no jardim, quando em plena floração, não pode dissimular sincera admiração.

Açucenas desabrocham desdobrando-se em beleza, mostrando a maternidade das forças da Natureza.

Além do jardim florido, quem se dirija ao pomar, experimenta emoção que não pode disfarçar.

As árvores generosas, sob auréolas de verdura, servem pomos de bondade às mesas da criatura.

Flores ricas, frutos nobres, na abundância indefinível, demonstram a Providência na bondade inexaurível.

Observe-se, porém, como quem cumpre o dever, que o nosso primeiro impulso vem da idéia de colher.

As flores são decepadas, esmaga-se o fruto a esmo, em tudo o egoísmo extremo, dando conta de si mesmo.

São raros os previdentes que guardam consigo a muda, por plantá-la com desvelo na terra que sempre ajuda.

Em nossa vida, igualmente, se vamos à luz dos bons, refletimos tão somente na colheita de seus dons.

Não basta, porém, ganhar, por deixarmos de ser pobre: Plantemos em nossa vida a muda do exemplo nobre.

A NOITE

Crepúsculo. E, após o dia de esforços laboriosos, eis que surge a noite cheia de apelos maravilhosos.

Deus desdobrou sobre a Terra seu manto misterioso, como pausa necessária de pensamento e repouso.

As estrelas que se acendem, com ternura e rutilância, parecem luzes que acenam de uma cidade a distância.

A luz ditosa convida à paz e à meditação.

A noite é a parada amiga de calma renovação.

Se o dia pertence à luta da construção terrenal, a noite é o sagrado ensejo da vida espiritual.

Os homens ignorantes abusam do seu valor, dando vida a todo impulso de natureza inferior.

Mas quem sabe ser do Cristo encontra nela a harmonia da fonte de vibrações do amor, da paz, da alegria.

Palpita em seu manto a bênção do Pai Amado que aprova.

É a ilha rica e encantada, repleta de força nova.

Alegra-te em cada noite, e, tomando o bem por guia, entrega a Deus o inventário das lutas de cada dia.

Não te enerves no repouso, renova teu compromisso.

Quem não sabe descansar, mentiroso é o serviço.

A NUVEM

Céu sereno luminoso, entretanto, avulta em cima um ponto sombrio e triste – é a nuvem que se aproxima.

Quem mirar o firmamento, descansando a luz do olhar, de súbito, experimenta doloroso mal-estar.

Dilata-se o ponto negro, em todo o céu que se altera, o calor é intolerável na pressão da atmosfera.

A planta parece aflita, mergulhada em solo ardente.

O vento para.

O caminho sufoca penosamente.

Vem a nuvem dividida em vastíssimos pedaços, atritam-se os elementos em confusão nos espaços.

Em breve, porém a chuva, em gotas cariciosas, mata a sede das raízes, lava as pétalas das rosas.

As folhas ganham verdura, a estrada se modifica, é a seiva do céu que cai, profusa, bondosa e rica.

Aí, reconhecem todos que a nuvem, como ninguém, sabia trazer consigo, a paz, a alegria, o bem.

Assim, a nuvem da vida do infortúnio e da desgraça, vem sombria e dolorosa, chove lágrimas e passa.

Um homem, depois das dores, é mais lúcido e melhor.
Toda sombra de amargura traz consigo um bem maior.

A PEDRA

Entre as coisas mais singelas dos planos da Natureza, destaca-se a pedra humilde, como símbolo de dureza.

Se alguém requisita imagem para a dor de nossa luta, em todas as circunstâncias lembremos da pedra bruta.

Entretanto, quase sempre, em nossa definição, há doses de fantasia e gestos de ingratidão.

A pedra é santa operária, exemplo de intrepidez, no campo material é base de solidez.

No plano geral do mundo, ela humilde é que suporta o peso da casa amiga, do lar que nos reconforta.

Além disso, se apresenta a luta e a dificuldade, coopera na educação das forças da humanidade.

Nem sempre a pedra da estrada constitui espinho e dor, que obstáculo vencido é posse demais valor.

É certo que a pedra esmaga se há preguiça e invigilância; mas, muitas vezes, é uma luz nas trevas da ignorância.

Olhando-a, nunca te esqueças que mesmo a dor da pedrada pode ser a grande bênção de uma vida renovada ouçamos a grande voz da cátedra de Jesus, que colheu as nossas pedras e nos deu a Eterna Luz.

A PÉROLA

Dos trabalhos de conquista da fortuna dadivosa, destaca-se a pescaria da pérola preciosa.

Nem todo mar serve à pesca, há nas ostras exceção, em verdade, muito poucas atendem na seleção.

Extremas vicissitudes, trabalhos, perigos, dores, tudo isso desafia o esforço dos pescadores.

Não se pode prescindir de serviços sobre-humanos, com cuidado e intrepidez, no fundo dos oceanos.

É preciso haver coragem estranha a qualquer temores, no justo desprezo aos monstros das zonas inferiores.

A descida no mergulho, ao longo do enorme abismo, traduz um ato de fé que descende do heroísmo.

Mas, depois do sacrifício, a que o homem se conduz, vem a pérola mostrando um sonho formado em luz.

Todo o ouro amodado, nos arquivos da avareza, não cria esse dom de Deus que surge da Natureza.

No esforço do pensamento, imita essa pescaria: No oceano do Evangelho há paz e sabedoria trabalha, despreza os monstros, esquece a dificuldade e acharás com Jesus - Cristo as pérolas da Verdade.

A PICARETA

No serviço inicial das construções no planeta, aparece, indispensável, o esforço da picareta.

É quase desconhecida na casa elegante e bela; pouca gente se recorda que não se abrigou com ela.

É que a nobre picareta atende à primeira fase de cada edificação que precise erguer a base.

No trabalho do princípio, vencendo a pedra, a rudeza, revela ao trabalhador obediência e presteza.

Do serviço eficiente fornece as maiores provas, quebra espinhos, vara outeiros, desdobrando estradas novas.

Traça e atende com firmeza, no início das construções, dando forma aos alicerces, prezando as obrigações.

Escava terrenos duros, humilde, criteriosa, por trazer à superfície a bênção da água bondosa.

Obstáculo? Empecilho?

Oposições de rochedo?

A picareta resolve totalmente estranha ao medo.

Na esfera espiritual onde o bem pede cuidados, há construções igualmente com serviços bem pesados.

Lembra sempre, meu irmão, se queres a Luz Divina, que a vontade é piareta nas terras da disciplina.

A PLANTAÇÃO

É muito grande o trabalho, enorme a preparação, na terra que se destina às fainas da plantação.

É preciso desprezar certas plantas, certas flores retirar os espinheiros e arbustos inferiores.

Depois da foice aguçada, que opera o desbravamento, vêm, a golpes de enxadão, limpeza e destocamento.

No corpo da terra nua, em lutas laboriosas, há frondes e flores murchas, cicatrizes escabrosas.

Logo após, o arado amigo, cuidadoso, traça a leira, completando atividades, devidas à sementeira.

O solo dilacerado dá conta do esforço ingente, a terra aberta e ferida é o berço justo à semente.

A zona que se consagra, às tarefas de cultura, fornece lições diversas ao campo da criatura.

Muita gente julga, a esmo, que as lutas da educação se resumem a teoria, discurso e doutrinação.

Mas o problema é bem outro: Não se dispensa a harmonia entre ação e ensinamento, nos quadros de cada dia.

Dores, lutas, sofrimentos, são bênçãos de formação da Divina Sementeira nas zonas do coração.

A PODA

Quando é necessário ao campo produção forte e fiel, não se pode prescindir da poda quase cruel.

É dolorosa a tarefa que se comete ao podão, não só nos tempos de inverno, como em tempo de verão no pomar esperançoso, na vinha feita em verdura, há dores indefiníveis que nascem da podadura.

Velhos ramos opulentos, dilacerados ao corte, despenham-se amargurados, vencidos de angústia e morte.

Esforça-se a podadeira no galho que cede a custo, e as frondes carinhosas parecem tremer de susto.

Muita vez, toda folhagem sucumbe, desaparece, nobres hastes mutiladas dão mostras de mãos em prece.

Mas, depois, findo o tormento, passada a grande agonia, vem a luz da primavera nas colheitas de alegria.

Tudo é festa de beleza, abundância, fruto e flor, devendo-se tudo a bênção da poda que trouxe a dor.

Necessita-se igualmente, no campo das criaturas, das podas em tempo calmo, em tempos de desventuras.

Nas fainas da luta humana, o sofrimento é o podão: Não te furtas à grandeza das leis de renovação.

A POMBA

A pomba bondosa e terna sobe, sobe, além dos montes, e presta serviços nobres devorando os horizontes.

Entre os homens, vê-se o mesmo, nos caminhos da existência; a ninguém falta na terra as asas da inteligência.

Há, porém muita avestruz, muitos corvos e galinhas, e em todo o lugar são raras as pombas e as andorinhas.

A PONTE

Onde a estrada se biparte, parando sem que prossiga, manda o Pai que se construa a ponte bondosa e amiga.

Consagrada ao bem dos outros, todo instante atenta a isso, dom dos céus a revelar o espírito de serviço.

Suspensa sobre as alturas, onde uma queda ameaça, sem privilégio a ninguém, a ponte serve a quem passa.

Sempre pronta no caminho, no seu esforço incessante, todo o tempo, dia e noite, é bondade vigilante.

Sanando dificuldades, dá-se ao que vai e ao que vem, pratica com todo o mundo a divina lei do bem.

Por gozar-lhe toda hora, seu constante e terno amor, os homens nunca refletem na extensão do seu valor.

Muita vez é necessário, para que homem possa sentir, que em meio da tempestade, a ponte venha a cair.

No instante em que cada qual vê que o bem próprio periga, já ninguém mais desconhece, quem era essa grande amiga.

A ponte silenciosa, no esforço fiel e ativo, é um apelo à lei do amor, sempre novo, sempre vivo.

Vendo-a nobre e generosa, servindo sem altivez, convém saber se já fomos como a ponte alguma vez.

A PORTEIRA

Enquanto a cerca trabalha, organizando a dívida, a porteira se encarrega da tolerância precisa.

O caminho generoso, defendido em cada lado, não pode ser confundido, nem deve ser perturbado.

Quem organiza, porém, o esforço de vigilância, pode, às vezes, ser levado a gestos de intolerância a rigidez na fronteira, tendendo para o egoísmo, encontra a porteira sábia, que opera contra o extremismo.

Nas praças como nos campos, ela ensina, com carinho, que a propósitos sagrados, não se nega o bom caminho.

A cerca defende a ordem dominando o que é contrário, mas a porteira bondosa atende ao que é necessário.

Há pessoa aflita e triste que precise providência?

Ei-la pronta a qualquer hora, e atende com diligência.

Animais ao abandono?

Necessidades de alguém?

Expõe com simplicidade a sua missão no bem.

E com calma superior, humilde e silenciosa, completa o serviço amigo da cerca criteriosa.

Vivem no mundo almas nobres, torturadas de aflição, porque lhes faltam porteiras nos campos do coração.

A PRAIA

Mar revolto. Sombra densa, ao longo da vastidão.
Vibra a angústia em cada rosto na frágil embarcação.
O vento sopra de rijo espalhando a tempestade, as ondas são monstros verdes no dorso da imensidade.
Dolorosas inquietudes, amarguras, nervosismos...
Céu e mar desesperados – É o choque de dois abismos.
Não mais bússolas, nem velas, tudo horror, trovões e vento, só resta, entre vagalhões, o esforço do salvamento.
Ninguém define a distância e o mais lícido, o mais forte, mergulha-se em pensamento nos caminhos para a morte.
É quando a costa aparece, trazendo nova esperança.
É a mensagem carinhosa dos planos de segurança.
Que alívio dos viajores, cansados de sofrimento!...
Eis que a praia simboliza a luz dum renascimento.
Ao seu lado, volta a calma, extinguem-se a sombra e a dor, renova-se a confiança na esfera superior.
Esse quadro nos recorda o mundo desesperado, que parece muitas vezes, grande mar encapelado.
Mas todo cristão sincero é uma praia apetecida, onde há paz e segurança, caminho, verdade e vida.

A REFEIÇÃO

Das horas do lar terrestre, que falam ao coração, destacamos com justiça a hora da refeição.
Há muita gente no mundo que se assenta junto à mesa e recebe o bem divino sem ponderar-lhe a grandeza.
Supõem muitos, mostrando juízo ao sabor do vento, que a refeição se resume a despesa e pagamento.
Raros pensam no trabalho da Eterna Sabedoria que espalha, por toda a terra, esse pão de cada dia.
A maior parte dos homens, estranha à luz da oferenda, aproveita a refeição por dar pasto à gula horrenda.
Muitos outros, igualmente, dominados de cegueira, a transformam em campo largo de excessos de bebedeira.
Não poucos, menosprezando o corpo sadio e forte, em vez de atender a vida, procuram moléstia e morte.
Finalmente, em toda a parte, pelo método confuso, o dom do Senhor se torna em pastagem para o abuso.

Ouve amigo: não te esqueças, nas mais ínfimas estradas, que o prato das refeições é bênção das mais sagradas.

Não olvides que o “pão nosso” é dom sublime e perfeito; se não tens a luz da fé, não te esquives ao respeito.

A VISITA

Quando Deus criou a Terra a visita de amizade, permitiu-a, incentivando a paz e a fraternidade.

Antes, contudo, o Senhor, que preserva nossa vida, deu a norma generosa que, em tudo, lhe é devida.

No silêncio venerando com que falta das Alturas, nosso Pai ensina isso visitando as criaturas.

Vem com o sol de maravilhas que não olvida ninguém, aquece as coisas e os seres, amando, fazendo o bem.

Vem junto à chuva bondosa e atende à fecundação, traz flores, verdura e seiva e espalha as bênçãos do pão.

A Visita Paternal nunca falta nem demora, o Senhor vem ver-nos sempre, cada dia, cada hora.

Entretanto, não comenta nossas grandes cicatrizes, apenas procura meios de tornar-nos mais felizes.

De mil modos auxilia com bondade sempre igual, buscando estabelecer o olvido de todo mal.

Nos tempos de riso e flores, nos dias de dor e abrolhos, ao lado de seus amigos, não visites com maus olhos.

Maldicência é veneno que traz angústias de inferno; ganhar visita ou fazê-la, é divino dom do Eterno.

A SEMENTE

Nos quadros vivos da roça, a semente pequenina é página aberta aos homens, mostrando lição divina.

É minúscula, e somente à luz de grande atenção pode ser reconhecida no campo de plantação.

Quanto pesa? Quase nada: Coisa muito inferior, calcada aos pés, sem cuidado, nas lutas do lavrador.

No entanto, grãozinho humilde, que pouca gente repara, tem tarefas e caminhos, lições de beleza rara.

Humilde, pequena e pobre, abandonada ao monturo, a semente é a garantia do edifício do futuro.

Coisa mínima lançada ao vasto lençol do chão, vai ser árvore, celeiro, remédio, alimentação.

Mas é justo ponderar, ao senso da criatura, que a espécie de produção responde à semeadura.

Laranjeira dá laranja, macieira dá maçã, planta rude do espinheiro é mais espinho amanhã.

As sementes ignoradas, da roça desconhecida, são iguais às bagatelas do quadro de nossa vida.

Uma palavra, um conselho, um gesto, uma vibração, vão crescer e produzir conforme nossa intenção.

A TERRA E O LAVRADOR

Nos quadros da Natureza, a terra e o cultivador são personagens sublimes do livro do Pai de Amor.

A terra mais seca e dura conserva, no coração, as bênçãos da Luz Divina que fornece o nosso pão.

E o lavrador é o amado, a mão simples, meiga e boa, que regenera e semeia, que cultiva e aperfeiçoa.

Pesados desbravamentos, arado rude a ferir...

Humilde, dilacerada, toca a terra a produzir.

Quanto mais a enxada vibre no sulco forte e profundo, mais a flor promete fruto, mais o celeiro é fecundo muita vez, o solo agreste é lama desamparada, mas a mão do lavrador traz a vida renovada.

Onde queimava o deserto e o calor não tinha fim, brincam asas buliçosas, cantam flores de jardim.

Quem não viu da própria estrada o esforço do lavrador e a terra aberta em feridas dando a riqueza interior?

Assim, no mundo, a alma pobre, inda vil, inda assassina, oculta a fagulha excelsa da Consciência Divina.

E a dor, nossa grande amiga, na terra do coração, é o lavrador bem-amado da vida e da perfeição.

A TEMPESTADE

Quando o ar sufocante, quando a sombra tudo invade, eis que chegam de repente os carros da tempestade.

Trovões, coriscos, estalos, granizos, treva. Aspereza; são convulsões dolorosas das forças da Natureza.

Velhas copas opulentas, antigas frondes em festa, tombam gritando assustadas na escuridão da floresta.

Os furações implacáveis matam flores, levam ninhos; a corrente do aguaceiro muda a face dos caminhos.

Mas no dia que sucede às sombras da convulsão, a terra é limpa e tranqüila.

O céu é claro-azulado, o dia é de linda cor, tudo chama novamente a nova expressão de amor.

Quem não teve em sua vida a tempestade também?

Depois de tudo arrasado, floresceu, de novo, o bem.

Aflições e desencanto, renovação de ideais, desilusões dolorosas, desabamentos fatais.

Deus, porém, jamais esquece de atender e renovar; apenas pede aos seus filhos a energia de esperar.

Caso venha a tempestade, guarda a força calma e sã.

Deus é Pai.

Ora e confia.

A vida volta amanhã.

A USINA

Ao lado da queda d'água, se existe o rumor da usina, é justo considerar a lição que o quadro ensina.

Da corrente que despenha, aumentando atividade, parte o fluido vigoroso que vibra eletricidade.

Transforma-se a cachoeira em gerador de energia, que a usina prestigiosa traduz com sabedoria.

A primeira exprime força suscetível de criar, a segunda é o vaso amigo que procura aproveitar.

Uma dá, outra recebe com bondade e diligência; semelham-se a ordem calma ao lado da obediência.

Desse acordo delicado nasce o gérmen do processo, em que se organiza o bem do conforto e do progresso.

Desde então, vencida a sombra, há luzes pelos espaços, alimento à grande indústria, serviço a milhões de braços.

Por servir e obedecer, bondosa, confortadora, vem a usina a converter-se na sublime benfeitora.

O quadro revela os olhos, em nobres clarões sem véus, a cachoeira incessante, desgraças que vêm dos céus.

Quando houver em cada homem a obediência da usina, toda a Terra brilhará no trono da Luz Divina.

A VIDRAÇA

Quem saiba ver nos caminhos a luz, a beleza, a graça, não foge à contemplação do símbolo da vidraça.

Existe em tamanhos vários mostrando serviços e arte, satisfazendo ao conforto quase sempre, em toda parte.

Prestativa, atenciosa, o homem não lhe traduz a função maravilhosa de abrir novo campo à luz.

Espelho caricioso de muita delicadeza, seu esforço no trabalho tem enorme sutileza.

E que em todos os lugares, frente ao mesmo sol de amor, dá caminho à claridade, mas, conforme a própria cor.

Se vermelha, o apartamento guarda-lhe em tudo o matiz, parecendo cada coisa engrinaldada a rubis.

Se verde, a casa parece de verdura peregrina; se azulada, é a cor do céu que se dilata e domina.

Na expressão do colorido, tem seu símbolo de escol, pois se o vidro é multicolor, todo o sol é o mesmo sol.

Quem não percebe aí dentro, sem grandes indagações, o Divino Amor de Deus e as várias religiões?! . . .

Deus é sempre o mesmo Pai que ilumina, cria e sente. Mas o homem o recebe de acordo com a própria mente.

O AÇUDE

Vai-se o inverno frio e longo, volta o tempo desejável, o açude prossegue sempre na harmonia inalterável.

Espelho caricioso refletindo o céu de anil, é lençol de luz e ouro, na tarde primaveril.

Durante o dia sem sombras, retrata o Sol a brilhar, quando a noite vem descendo guarda os raios de luar.

Tudo isso é um quadro lindo, mas não é só.

A represa é a mensagem da prudência no apelo da Natureza.

O açude não priva as águas de manter seus bons ofícios, mas sabe guardar as sobras, evitando os desperdícios.

No organismo inteligente de suas disposições, fornece canais amigos em todas as direções.

E surgem forças cantando, no pão, na luz, no agasalho.

é a vitória da alegria, na abundancia do trabalho.

Se a represa não guardasse com prudência e com carinho, faltaria o necessário nos celeiros do caminho.

Se o perdulário entendesse o ensinamento do açude, jamais choraria a falta do sossego e da saúde.

Guardar o que seja justo, sem torturas de avareza, e da prudência divina.

O AGUILHÃO

Na esteira da confusão, há perigo, o carro empina.

São golpes de bois madraços em horas de indisciplina.

Avançam, rumo ao barranco, atiram-se à revelia, são cegos à estrada enorme e surdos à voz do guia.

O carreiro vigilante atende à situação: Na canícula dourada vibram golpes de agulhão.

A custa de esforço ingente, a poder de ferroada, a ordem volta ao serviço, a harmonia volta à estrada.

Há revolta momentânea nos bois rudes, a tremer, mas, a bem da paz de todos, cada qual cumpre o dever.

E o carro prossegue firme, sem desvios, sem parar, buscando os objetivos que, por fim, deve alcançar.

Na Terra, também é assim: Nas sendas de redenção, todo homem necessita estímulo à própria ação.

No lar, como no trabalho, desde o berço até a morte a criatura precisa agulhões de toda sorte.

Muita gente fala deles com desespero e com asco; mas, Jesus santificou-os no caminho de Damasco.

Obedece a Deus e passa, vive sempre atento a isto: Todo agulhão que te fere é bênção de Jesus - Cristo.

O ANDAIME

Quando o esforço principia em toda edificação, não se pode prescindir da alheia cooperação.

Precisa-se apoio forte, de base através da qual se distribua ao serviço concurso e material.

Vem o andaime prestimoso, é o seguro companheiro, que atende às obrigações, noite toda, dia inteiro.

De pé vivendo o dever, serve a todos com bondade, é um exemplo de serviço, e um símbolo de humildade.

Muita vez, pisado a esmo, escuro, banhado em lama, permanece em seu lugar, não se irrita, não reclama.

Findo o esforço rude e longo, ao rebrilhar do edifício, pouca gente lhe recorda o trabalho e o benefício.

O quadro é singelo e pobre, mas rara é a lição assim - o benfeitor olvidado, que é fiel até o fim.

Além disso, o ensinamento, em suas exposições, apresenta aos aprendizes, duas belas sugestões.

Diz a primeira que um dia deveremos esperar, agir sem qualquer andaime, na vida particular...

Indaga-nos a segunda, se já fomos para alguém, o andaime silencioso que ajuda a fazer o bem.

O BANHO

Dos preceitos da higiene, fonte clara do vigor, destaca-se, em qualquer tempo, o banho confortador.

Depois da viagem longa, findo o esforço, cada dia, renovam-se, ao banho calmo, a paz, a força, a alegria.

A própria vida aconselha, por vibrar, forte e louçã, o contacto da água pura, ao começar da manhã.

No trato vulgar do mundo, á frente da humanidade, o corpo mais nobre e belo não se esquivia à sujidade.

Mais além há fumo e lama; Mais aquém, há lixo e poeira; Todo o corpo participa do suor e da canseira.

As células esgotadas, em ânsias de dor e morte, requerem alguma coisa que as ajude e reconforte.

Eis que surge o banho amigo, com recursos sempre iguais, a água cariciosa tem carinhos maternos.

Depois dele o alívio santo, a bênção ditosa e pura, a paz regeneradora ao corpo da criatura.

Assim também, nossas almas, em serviços contra o mal, nunca podem prescindir do banho espiritual.

Luta a luta, dia a dia, levemos o coração às águas do Pensamento para o banho na Oração.

O BARRICACHO

Por vezes, na atividade das viagens, do transporte, o animal em disparada promete desastre e morte.

Por mais que sustenha a rédea e colabore o cocheiro, em tudo, paira a ameaça de rumo ao despenhadeiro.

Trabalhos imprescindíveis sofreriam dilação, se o condutor não agisse com firmeza e precisão.

Antecipando o terror da descida, abismo abaixo, o montador ou o cocheiro recorrem ao barbicacho.

Reage o animal teimoso, rebela-se e pinoteia, mas tudo cessa de pronto, na abertura da correia.

Se busca saltar de novo sob fúria mais violenta, eis que lhe vaza a boca espuma sanguinolenta.

De queixo posto no entrave, qualquer coice dado a esmo, se pode ofender os outros, dói muito mais nele mesmo.

Em pouco tempo o rebelde, agora sem mais descanso, trabalha tranqüilamente humilde, bondoso e manso.

Assim, também muita gente em falsa compreensão, ao invés de trabalhar, faz queixa e reclamação.

Contudo, à beira do abismo, antes da queda ao mais baixo, recebem os linguarudos as bênçãos de um barbicacho.

O BARRO E O OLEIRO

É um exemplo de bondade o esforço nobre do oleiro, cuja grande atividade tem a base no lameiro muitos sentem aversão por sua tarefa hostil, dedicada, dia e noite, ao barro nojento e vil.

Seu trabalho é quadro rude que a lama invade e não poupa, é barro, por toda a parte no rosto, nas mãos, na roupa.

Seu serviço é tão ingrato junto à massa indefinível, que a tarefa mais parece um sofrimento invencível.

Mas todo barro mais pobre, ao toque do seu amor, fornece os vasos divinos de formosura e valor.

Quanto mais tempo e trabalho, mais triunfa, mais se ufana...

E vemos a lama escura transformada em porcelana.

Além dessas jóias raras de sublimes expressões, é o oleiro quem dá corpo às vossas habitações.

O tijolo faz a casa, a telha cobre a mansão, o homem ganha o seu lar que é templo do coração.

Nas estradas de miséria, não mais éramos que lama, e eis que o Mestre no Evangelho nos esclarece e nos chama.

O Cristo é o Divino Oleiro que opera com perfeição; Somos nós o barro vil, guardado na sua mão.

O BOTÃO

Na extrema delicadeza da verdura perfumosa, destaca-se pequenino o tenro botão de rosa.

Não há sinal de corola, vê-se apenas que começa a surgir a flor divina num cálice de promessa.

E às vezes, nas alegrias de doce festividade, espera-se pela rosa no caminho da ansiedade.

Deseja-se a flor robusta com que se adorne a beleza, mas não há lei que perturbe os passos da Natureza.

É certo que toda rosa, como jóia de paisagem, nunca pode prescindir do zelo da jardinagem.

Precisa tempo, entretanto, na sombra e na claridade, requerendo orvalho e sol, noites, chuva, tempestade.

Por crescer, pede cuidado nos inícios da existência, mas, morrerá com certeza a golpes de violência.

Assim, também, quase sempre, a muita crença em botão tentamos impor, à força, a nossa compreensão.

Toda crença é patrimônio que não surge improvisado; É a rosa da experiência, em terras do aprendizado.

Se tua alma vive em festa, na fé que pratica o bem, ajuda, coopera e passa... Não busques torcer ninguém.

O CAJADO

Quem faça viagem longa, se é prudente e ponderado, jamais pode prescindir do concurso de um cajado.

Conduzir arma de fogo ultrapassa a obrigação, evite-se a qualquer preço a morte e a destruição.

Entretanto, é indispensável, nas surpresas do caminho, que se guarde alguma coisa contra a pedra, contra o espinho.

O bordão é companheiro, não se aflige, não se assusta; Permanece na defesa do esforço da causa justa.

Pode agir sem destruir, cede apoio com proveito, prestativo, atencioso, infunde calma e respeito.

Desvia o curso à serpente, traça rotas, vence o mato, em todas as latitudes, o bordão é herói no tato.

Sonda o leito do caminho, pratica a verdade e o bem, onde há fogos e perigos, informa como ninguém.

Com seu auxílio é possível prosseguir e caminhar, o próprio cego dos olhos não precisa estacionar.

Reparando-se, porém, no ensino a que o quadro alude, a jornada é nossa vida, o bordão, nossa atitude.

Segue honesto, a passo firme, de espírito sossegado, não sofras pelo dinheiro, mas conserva o teu cajado.

O CAMPO E O JARDIM

Nas lutas de cada dia, nas estradas da existência, lembra que o campo e o jardim são pontos de referência.

Um é a esfera de trabalho que fica estranha ao teu lar, o outro é a intimidade da vida particular.

No primeiro é a mão de Deus que decide com grandeza, na harmonia inescrutável das forças da Natureza.

No segundo é a criatura, que, usando elementos seus, ganha a vida, usufruindo os opimos bens de Deus.

O campo eterno, infinito, vai de um mundo a outros mundos, é a vibração do universo, em seus problemas profundos.

O jardim é a casa amiga, pobre ou rica, sempre boa, é a bela oportunidade da luta que aperfeiçoa.

As penas, as amarguras, de um lar de trabalho e dor, são trilhas que dão acesso ao bem santificador.

Quem não zele seu jardim, com sacrifício e bondade, mui longe está de atender no campo da humanidade.

Entretanto, vemos homens, herdeiros dos fariseus, que já pretendem ser anjos, sem serem bons para os seus.

Se queres segar o campo da luz e do amor sem fim, não descuides um minuto, das coisas do teu jardim.

O CARRO

Nos problemas de viagem por vencer qualquer distância, todo carro requisita esforços de vigilância.

Antes de tudo, atendendo as lições da Natureza, não se pode prescindir dos detalhes da limpeza.

O carro é prestigioso, mas, no longo das estradas, pede amparo da prudência, nos serviços, nas paradas.

Aqui, reclama remendo, mais além um parafuso, todo o zelo é necessário preservando-se do abuso.

De quando em quando, é preciso exame calmo e acurado, cada peça solicita carinho, atenção, cuidado.

Ferramentas, graxa e óleo requisitam provisões; somente o bem da reserva remedeia inquietações.

Sem isto, qualquer jornada vale por louca aventura, que termina comumente no desastre da loucura.

O carro mais reforçado, à desídia do cocheiro, abandona o rumo certo, resvala ao despenhadeiro.

No mundo assim também é: O homem, na humanidade, é o viajor desmandando as luzes da eternidade.

A experiência é a viagem, o carro é teu organismo: Quem descuide o próprio corpo precipita-se no abismo.

O CEMITÉRIO

Tristeza, luto e silêncio, desolação e amargor.

O quadro de um cemitério inspira saudade e dor.

Aqui, lápides custosas, ali, raros mausoléus, anjos de pedra apontando a cúpula azul dos céus.

Além sepulturas pobres, sem o mármore das lousas, que se confundem sem palmas no seio comum das coisas.

Em uns, a ambição pomposa que se estende à própria morte; em outros, o esquecimento, contrastes das mãos da sorte.

Mas em todos os recantos, a realidade é a lição do túmulo: o estojo triste de sombras e podridão e o cemitério descansa em triste serenidade, assinalando em silêncio o fim de toda a vaidade.

No entanto, entre as cruces mortas, sobre corpos verminados, a primavera traz lírios risonhos e perfumados.

Cantam rosas de alegria sobre as dores da tristeza; o cipreste enfeita os dias e as noites da Natureza.

Já observaste? No mundo, nos trilhos mais viciados, temos sido muitas vezes como “túmulos caiados”.

Mas Jesus que é o Jardineiro da paz, do amor, da bonança, faz florir em nossas trevas seus caminhos de esperança.

O CIPÓ

Sobre a árvore frondosa que mostra calma infinita, abraçada ao tronco forte lá se vai o parasita.

Não atinge o cerne, a seiva, mas buscando a copa, as flores, enrodilha-se, teimoso, nas cascas exteriores.

Agarrado tenazmente, vai subindo vagaroso, alcançando o cume verde do arbusto generoso.

Aboletados nos cimos do castelo de verdura, o cipó audacioso aparenta grande altura.

Deita flores opulentas de expressão parasitária, avassalando a nobreza da árvore centenária.

Recebe os beijos do sol, embala-se na ternura da carícia perfumosa, da brisa mais alta e pura.

Mas, vem o dia em que o Pai, na lei de renovação, chama o tronco nobre e velho as bênçãos da mutação.

É aí que o cipó vaidoso demonstra o que não parece, voltando ao pó do chão duro, para as zonas que merece.

Quanta gente brilha ao alto, e, no fundo, inspira dó?

Há milhões de criaturas vivendo como o cipó.

Jamais olvides a lei de trabalho e obrigação, não queira mostrar-te ao alto á custa do teu irmão.

O CUPIM

Causa pena olhar o campo quando pobre de verdura, sofre a terra a intromissão do cupim que a desfigura.

Debalde a vegetação se estende em ramaria, o solo não apresenta a mesma fisionomia.

O cupim obstinado multiplica-se em rebentos, parece que o chão se cobre de tumores pustulentos.

Em vão, a chuva convida às forças de produção, debalde o Sol traz a luz de paz e renovação.

Não faltam bênçãos do Céu que atendam aos dons da vida, mas a terra permanece desolada e ressequida.

O cupim vai provocando estrago, calamidade, e o campo mostra ruínas, miséria, esterilidade.

Às vezes são necessários muito esforço, muitas dores, por expulsar a família dos insetos invasores.

Sem trabalhos decididos por parte da agricultura, o cupim transforma a terra numa extensa sepultura.

Lembremos, vendo esse quadro da esfera dos lavradores, as almas avassaladas de idéias inferiores.

Sê forte em qualquer trabalho, cada luta é uma lição.

tristezas e desalentos são cupins no coração.

O DESPERTADOR

O relógio é o grande amigo na vida da criatura; acompanha-lhe a viagem desde o berço à sepultura.

Metódico, dedicado, movimentando os ponteiros, marca os risos infantis e os gemidos derradeiros.

Revela oportunidades, mostra a bênção do minuto, indica tempo à semente, como indica tempo ao fruto.

Mas de todos os relógios que atendem cheios de amor é justo salientar o amigo despertador.

Quando alguém dorme ao cansaço, ele vibra, ajuda e vela, ritmando o tique-taque, tem coisas de sentinela.

Na hora esperada e justa, pontual, invariável, chama à luta o companheiro em bulha desagradável.

O seu barulho interrompe o repouso desejado, acorda-se quase à força, levanta-se estremunhado.

Mas, somente ao seu apelo, há lembrança dos serviços, buscando-se incontinenti a zona dos compromissos.

Assim, na vida comum, nas lutas de redenção, todo o tempo é precioso em qualquer situação.

Mas o tempo que nos fere, em provas, serviço e dor, é o melhor de todos eles, é o nosso despertador.

O DIA

O dia é o bom companheiro que, enquanto a sombra se esvai, cada manhã, abre as portas das bênçãos de Nosso Pai...

Haja guerras entre os homens de sentimentos mesquinhos, o dia chega espalhando luz e vida nos caminhos.

Começa o rumor amigo da enxada, dos bois, do malho: É a casa de Deus vibrando em cânticos de trabalho.

Generoso, claro e alegre vem do céu e atento a isso, fornece a todos os ensejo do espírito de serviço.

Que vale um dia? Interroga quem não sabe ter vontade; mas, cada dia é caminho na esfera da eternidade.

Quem não saiba aproveita-lo, entregue à preguiça vã, cria espinhos escabrosos para a estrada de amanhã.

O dia é o mestre do esforço, que, com carinho e com arte, atende bondoso a tudo, trabalhando em toda a parte.

Feliz quem lhe segue a rota desde a luz do amanhecer, fazendo quanto possível nos quadros do seu dever.

Ai da preguiça que dorme, que se esconde de mansinho!

Deixemo-la sepultada nas penumbras do caminho.

Se queres felicidade em paz e sabedoria, evita as indecisões, trabalha, seguindo o dia!

O DIAMANTE

No serro desamparado que chama ao suor e à luta, o diamante luminoso descansa na pedra bruta.

Por conquistá-lo é preciso vencer enorme aspereza, eliminando os percalços que surgem da Natureza.

Sobretudo, é imprescindível estudar todo o cascalho, sem desprezar-lhe a dureza no espírito do trabalho.

Longo esforço, longa espera, serviço e compreensão, tudo isso é indispensável ao bem da lapidação.

Ao preço de luta ingente, a pedra sonha e rebrilha.

É a divina descoberta da gota de maravilha.

Pouca gente lembrará que a jóia de perfeição constitui a experiência dos átomos de carvão.

A princípio, não passava de míseros fragmentos de carbono desprezível na força dos elementos.

Nas grandes transformações, viveu obscura e ao léu, mas, agora, é flor de luz, refletindo a luz do céu.

Quem não vê na jóia rara, sublimada e soberana, a história maravilhosa dos caminhos da alma humana?

Nos serros da Humanidade que a ignorância domina, cada ser guarda o diamante da Consciência Divina.

O ESTERCO

O esterco que espalha o bem, vive em luta meritória; se é pobre, tem seu proveito, seu caminho, sua história.

Quase sempre, chega aos montes dos redios e dos currais, escuros remanescentes da esfera dos animais.

De outras vezes, vem das zonas de imundície e esquecimento, onde a vida se transforma em triste apodrecimento.

Em outras ocasiões, é detrito das estradas, lixo estranho e nauseabundo das taperas desprezadas.

É a decadência das coisas, no resumo do imprestável, fase rude e dolorosa da matéria transformável.

Em síntese, todo esterco é derrocada ou monturo, que das sombras do passado lança forças ao futuro.

Analisando esse quadro, veremos que a podridão vai ser cor, perfume, fruto, doçura e renovação.

Notemos, porém, que a flor vibra ao alto, linda e santa, enquanto o adubo não passa do solo, dos pés da planta.

Na vida também é assim: O erro, a miséria, o mal podem ser algumas vezes, esterco espiritual.

Todavia, é necessário que das lutas, através, aproveitemos o adubo, esmagando-o sob os pés.

O FAROLEIRO

Enquanto o leque da noite agrava a sombra e o perigo, a distância, eis que se acende o farol bondoso e amigo.

A luz define os caminhos, mostra o vulto dos rochedos, pode o barco prosseguir, a treva não tem segredos.

Tudo é noite sobre o abismo, mas na torre existe alguém, atento em manter a luz, disposto a fazer o bem.

É o faroleiro. Em silêncio clareia a amplidão do mar, determina o rumo certo e atende sem perguntar.

Navios maravilhosos, em prodígios de conforto, recebem-lhe o benefício e seguem, de porto a porto.

Passam barcos de descanso, jangadas laboriosas. . .

O farol ajuda sempre sem perguntas ociosas.

Todos devem ao farol, do comando ao marinheiro, mas quase ninguém conhece as dores do faroleiro.

Por servir e auxiliar, aceita uma condição: A vida de insulamento muita vez em privação.

Se ouvirmos as grandes vozes da verdade soberana, na terra acontece o mesmo nos mares da luta humana.

Quem possa trazer mais luz vive em campo solitário, tal qual o Mestre Amoroso da torre em cruz do Calvário.

O FIO

Nos movimentos da agulha, nas tarefas do tear, o fio é muito importante na base de todo lar.

Pouca gente lhe observa os valores, vida em fora; na verdade, é companheiro nas lutas de cada hora.

Humilde, tênue, singelo, às vezes quase impalpável, para o pobre, para o rico, e matéria indispensável.

Existe em padrões diversos, no algodão, em seda, em lã, e entre as dádivas do mundo é sublime talismã.

É bênção do amor de Deus, que acompanha a criatura nos campos do mundo inteiro, desde o berço à sepultura.

Entretanto, é alguma coisa muito frágil, muito leve, cuja trama delicada nosso lápis não descreve.

Por ele, milhões de seres, no espírito do trabalho, encontram caminho e vida, luz e paz, força e agasalho.

Olha o fio pobre e simples!

Que lição útil e bela!...

É tesouro do caminho, mas parece bagatela.

Observando-o, recordo as glórias e fins supremos, do tempo que é luz divina, neste instante que vivemos.

O segundo é gota humilde, o século é vasto rio ...

Vive em Deus cada momento que o minuto é nosso fio.

O GRANDE RIO

Em marcha laboriosa, no sulco amplo e sombrio, profundo e silencioso eis que passa o grande rio.

Ao seu seio dadivoso, afluem fontes da serra, ribeiros de níveis altos, detritos de toda terra.

O rio mais elevado desce os montes à procura de sua paz generosa na marcha calma e segura.

Por saber harmonizar-se nos bens do mais baixo nível, conserva toda a imponência da grandeza indefinível.

Faz caminhos gigantescos, cria povos eminentes, é ele quem leva ao mar as águas dos continentes.

É pai das economias de todo o humano labor, mas quase ninguém se lembra dessa dívida de amor.

Que importa, porém? O mundo é o homem que esquece e cai, sem ver a missão do bem, nas bênçãos do próprio Pai.

O grande rio conhece a luz desse imenso arcano sobre o nível mais humilde busca a força do oceano.

Assim também a alma grande, nas últimas posições, recebe as ânsias de paz de todos os corações.

Em dores silenciosas, é o grande rio que vai, dando o bem a todo o mundo, em busca do amor do Pai.

O INCÊNDIO

Elevam-se labaredas. . .

O fogo ameaçador foi centelha, mas agora é incêndio devorador.

Ninguém lhe conhece a origem obscura, nebulosa, ninguém sabe onde se oculta a mão rude e criminosa.

A fogueira continua buscando mais alto nível, aumentando de extensão quando ganha em combustível.

Estalam antigos móveis, prosseguem a destruição; em torno anseio infinito, amarga desolação.

Língua rubra, formidanda, varre agora a cumieira.

Toda a casa se esboroa. . .

Sob a ação dessa fogueira.

Desdobra-se o nobre esforço de amparar e socorrer, a bondade põe-se em campo, ciosa do seu dever.

Entretanto, embora o auxílio dos trabalhos de emergência, a nota predominante é o carvão da experiência.

Assim é o mal neste mundo: A princípio, sem que doa, envolve a perversidade em forma de coisa a toa.

Depois, é o braseiro extenso, o furor incendiário, que atinge distância enorme com a lenha do comentário.

Vigia-te a cada instante, atende, pensa, examina!

Todo incêndio começou na fagulha pequenina.

O LIXO

Cada dia, a residência que a higiene ensine e ajude, lança fora todo o lixo na defesa da saúde.

Grandes cestos, grandes latas, guardando detrito escuro, enchem grandes carroçadas que seguem para o monturo.

Contemplando o movimento, lembremos que a sujidade, muita vez foi qualquer coisa em plano de utilidade.

Roupa usada, vestes rotas, velhas peças carunchosas, em outros tempos já foram queridas e preciosas.

Ornatos apodrecidos, tristes relâmpagos sem lume, conheceram muitas vezes festa e luz, vida e perfume.

Resumem, contudo, agora, o lixo que não convém, escuro e pernicioso, contrário à saúde e ao bem.

Para ele, em todo o mundo, a casa nobre e educada reserva, cada manhã, a bênção da vassourada.

Se não tem função de esterco, junto à terra menos rica, vai ao fogo generoso, que renova e purifica.

Na esfera de ensinamento da verdade sempre igual, o lixo personifica a estranha expressão do mal.

Escuta! Se o bem de ontem hoje é mal e sofrimento, não deixes de procurar os cestos do esquecimento.

O LUAR

Nas bênçãos de paz da noite, talvez a maior beleza seja o luar que se espalha na vida da Natureza o campo dorme em silêncio, e o luar na estrada em flor distribui com toda a planta o orvalho confortador.

Do céu alto manda brisas alegres e perfumadas beijar as folhas mais pobres, tristonhas e abandonadas.

Por todo o lugar desdobra sua luz aberta em palmas, afagando as esperanças do divino amor das almas.

Em toda parte onde exista o anseio de um coração, ensina o carinho amigo do alfabeto da afeição.

Desde os tempos mais remotos, o luar, pelas estradas, foi tido como padrinho das almas enamoradas.

Ao nosso ver, todavia, nas grandes lições do mundo, sua imagem representa simbolismo mais profundo.

Sua luz mantém na noite a mais nobre das disputas, não cedendo à treva espessa as posses absolutas.

Entre os homens deste mundo, o mal, o crime e o ateísmo tudo ensombram provocando a noite de um grande abismo.

Mas a esperança resiste e acende na noite imensa.

A luz clara e generosa do eterno luar da crença.

O MALHADOURO

Na época dadivosa da colheita cor-de-ouro, é tempo de conduzir cereais ao malhadouro espigas maravilhosas vêm às mãos do tarefeiro, aglomerando-se em busca da secagem no terreiro antigamente eram flores mostrando verdura e viço; agora, a compensação que se reserva ao serviço.

Mas por ser o resultado, a garantia, o futuro, o grão rico e generoso precisa ser nobre e puro.

O lavrador cuidadoso organiza providências, é necessário excluir as últimas excrescências.

Inicia-se a limpeza, servidores a malhar, no espaço o longo assobio de varas cortando o ar.

São precisos golpes rudes, bordoadas no bom grão, por conferir-lhe a grandeza de servir, além chão.

Depois disso, alcança a glória de amparar o lavrador, a alegria de prover em nome do criador.

Se ao longo de tua vida sentes choques mangual, é que estás em madureza no campo espiritual.

Não fujas ao malhadouro, guarda paz e vigilância: Que a luta nos roube agora os restos da ignorância.

O MAPA

Nos serviços necessários a qualquer expedição, o mapa é bondoso guia, servindo à orientação.

É sempre o mentor fiel, evitando o erro, a fossa, é a força da experiência que passou antes da nossa.

Por obter-lhe o concurso, houve lágrimas, suor, sofrimentos, sacrifícios, misérias, ruínas, dor.

Por traça-lo, muitas almas geram desconhecidas...

Certos mapas representam muitas mortes, muitas vidas.

O espírito estacionário, paráltico, inferior, embora lhe guarde o ensino, desconhece-lhe o valor.

Mas aquele que aproveita o ensejo de cada dia, consulta e atende ao roteiro em paz e sabedoria.

Sabendo-se viajor nos caminhos da existência, a carta de indicações dirige-lhe a experiência.

Estudando-a, com razão, vê-se intrépido e seguro, quem vigia no presente tem reservas no futuro.

No Mapa dos Corações, jamais esqueçamos disto: O roteiro do Evangelho custou muito esforço ao Cristo.

Sigamo-lo com carinho em nossa oportunidade.

Estamos a percorrer as sendas da eternidade.

O MAR

Na expressão profunda e viva das forças da Natureza eis que o mar a tudo excede em formosura e grandeza.

Nos seus abismos trabalham milhões de laboratórios, de onde nascem para a vida as larvas e os infusórios.

As almas se modificam, renova-se o esforço humano, mas é sempre inalterada a oficina do oceano.

Desde os primórdios do tempo de sua edificação, a sua finalidade é a força da criação.

Foi nas águas generosas de seu seio alvo e fecundo, que alcançaram nascimento as formas de todo o mundo.

Depois de sagrar a vida, eis que opera em todo o dia, fazendo as nuvens da chuva, que alenta, renova e cria.

Deus concedeu-lhe a grandeza de ser profundo e inviolável, protegendo-lhe a missão do equilíbrio inalterável.

Com a sua dominação esplêndida e solitária, é fator de ordem perfeita de toda a lei planetária.

É o testemunho fiel, de Deus em nossa existência, dando o ensino da equidade que nasce da providência.

Mas se pode demonstrar tão grande revelação, é que o lugar onde os homens não podem meter a mão.

O MÁRMORE

No gabinete isolado dos serviços de escultura, há muita coisa que ver com a vida da criatura.

O mármore chega em bloco dos centros da Natureza, em trânsito para o campo do espírito e da beleza.

É pedra, vai ser tesouro; é rude, vai ser divino; todavia, não se sabe quando chega ao seu destino.

Golpe aqui, golpe acolá, o artista começa a luta, é o sonho maravilhoso amando a matéria bruta.

As arestas vão caindo...

É a carícia do martelo, desponta o primeiro traço vigoroso, firme e belo.

O cinzel fere e desbasta, e, às vezes, pede o formão.

O artista prossegue atento dando vida à criação.

Golpes fundos, ferimentos...

Mas, eis quando se aproxima o termo do esforço longo na aquisição da obra prima.

Depois, é a jóia formosa, de valor alto e profundo, que as fortunas de milhões não podem fazer no mundo.

Esse mármore da Terra, no fundo, é qualquer pessoa, o artista, é o tempo, e o cinzel, a luta que aperfeiçoa.

Quando os golpes de amargura te cortarem o coração, recorda o cinzel divino que dá forma e perfeição.

O MILHARAL

O milharal nos parece, do caminho que o sol doura, uma esperança de Deus sobre as bênçãos da lavoura.

Além disso, representa uma elevada oficina, da nobre lei do trabalho que o Pai de Amor nos ensina.

Deus dá tudo: a terra, o ar, as chuvas e os instrumentos, indicando o tempo próprio com a força dos elementos.

Manda o homem, que é seu filho, cuidar da terra que é sua e esse filho convocado guia o traço da charrua.

Germina a semente amiga, mas até que dê seus frutos, exige muitos cuidados, constantes e absolutos.

Em seguida, o céu concede a espiga amada e perfeita, pedindo as dedicações nas tarefas da colheita.

Vem logo a descascadura, depois o debulhador, e o moinho em movimento nas lides do lavrador.

Somente agora o celeiro guarda as forças do bom grão, a esperança carinhosa da véspera de seu pão.

É um ensino generoso que a leira de milho encerra, um quadro de exemplo amigo, das lutas de toda a Terra.

Deus palpita em toda a parte, nada faz ou cria a esmo, mas pede em tudo a seu filho a elevação de si mesmo.

O OÁSIS

Em torno, o despovoado, os lençóis de areia ardente...

O viajor vive o seu drama doloroso e comovente.

Nenhuma vegetação, nem a benção de uma fonte, o quadro é desolador, embora a luz do horizonte.

Cansado de sede e fome, sofre e sua, sonha e chora, desde a aurora rutilante às promessas de outra outrora.

Pede em vão, suplica a esmo, no auge das aflições, guardando na alma ansiedades, angústias, recordações.

O vento levanta a areia, desfigurando as paisagens, e o pobre sorri chorando na carícia das miragens.

Concentra-se, avança mais, quase morto de alegria; contudo, desfaz-se a tela dos planos da fantasia. arrasta-se amargamente, ralado de desventura, mas, na última esperança, surge um canto de verdura.

É o oásis que o Senhor, atento à nossa viagem, mandou para os caminheiros que persistam na coragem.

Nos trabalhos deste mundo, em rumo obscuro, incerto, muita vez encontrarás inclemências do deserto.

Deus vela. Prossegue a luta, sem lamento, sem gemido...

Atingirá, talvez hoje, o oásis desconhecido.

O ORVALHO

Se a chuva pode tardar, há sempre a bênção do orvalho, sustentando a Natureza no campo do seu trabalho.

Ao termo de cada noite, nas auroras coloridas, podemos felicitá-lo nas ervas agradecidas.

A planta nunca descrê; espera, trabalha e dá.

Na luta jamais se esquece que o Pai não a esquecerá.

Se o ano é de chuva escassa para o bem das produções, muitas vezes basta o orvalho na força das estações.

Ao seu beijo a terra espera, a folha volta ao verdor, a flor ostenta-se em festa, o dia é renovador.

Nas forças da Natureza, o orvalho é como o sorriso que desce diariamente das bênçãos do paraíso.

Seu hálito carinhoso ameniza a atmosfera; no verão mais sufocante é filho da primavera.

É sempre um fraterno amigo, um símbolo de defesa, do bem entre as forças várias que oprimem a Natureza.

A nós outros, ele ensina, no efeito de sua ação, quanto pode conseguir a boa disposição.

Sorrisos, calma, bondade, prudência, paz, bom humor, são em tudo o brando orvalho da altura do nosso amor.

O PÂNTANO

É um quadro sempre inquietante que inspira pena e cuidado quando vemos no caminho o pântano abandonado.

Enquanto, em redor de si, há cantos que a vida entoa, ele espera ansiosamente o esforço que aperfeiçoa.

Todo o ar é pestilento em sua fisionomia, nos seus bancos lamacentos, ninguém descansa ou confia.

Muitos poucos se aproximam do barro de sua imagem; é ferida cancerosa no organismo da paisagem.

Mas, um dia, o lavrador dá-lhe atenção, dá-lhe drenos, e o pântano desolado é o melhor dos seus terrenos.

Onde havia lodo e lama, águas sujas e amargas, os legumes são mais ricos, as flores mais perfumosas.

Essas terras desprezadas, tão pobres e desiguais, ensinam, em toda parte, que Deus é o melhor dos pais.

Entre as quedas dolorosas, nos erros e nos desvios, nós somos, na Criação, pontos tristes e sombrios.

Nossa idéia de virtude, a mais bela em sentimento, é a que nasce nos monturos da lama do sofrimento.

Deus, porém, que é o Pai Amigo, jamais nos deixou a sós, Jesus é o bom lavrador, e o pântano somos nós.

O PÃO

Em casa, chega o momento destinado à refeição. . .

Raro aquele que recorda a história de luz do pão quase sempre, vem de longe, das zonas do campo em flor oferecer-se à criatura em nome do Pai de Amor.

Foi semente sepultada na terra ferida e escura, ressuscitando em seguida nas belezas da verdura.

Suportou lutas amargas, noites ásperas, sombrias, recebendo chuva e sol, tempestades, ventanias.

Adornou-se em primavera, risonha, sublime, eleita, e entregou-se alegremente ao segador na colheita.

Padeceu processos vários, viveu peregrinações, desde a ceifa rude e longa, ao prato das refeições.

Conforme reconhecemos, esse pão, quase sem nome, é dádiva do Criador, que vem mitigar a fome.

Mensageiro humilde e santo de carinho e de bondade, é o laço entre a Providência e a nossa necessidade o amor e a abnegação resumem-lhe a bela história; o espírito de serviço é a vida de sua glória.

Coração que sofre amando na fé sublime e sem jaça, vai ser pão na Mesa Augusta dos Bens da Divina Graça.

O POÇO

Quem segue ao sol calcinante, com sede desesperada, rende graças ao Senhor, achando um poço na estrada.

O quadro agreste, por vezes, não tem abrigo nem fonte, raras árvores se alinham, perdendo-se no horizonte.

Em meio à desolação, entre o calor e a secura, a cisterna dadivosa, guarda a bênção da água pura.

Há poços de toda idade, bem calçados, mal assentes, mais rasos e mais profundos, em dimensões diferentes.

No seu íntimo, entretanto, trazem todos a água amiga, que socorre aos que sucumbem de desânimo e fadiga.

Quem tem sede se aproxima com cuidado e gratidão, e dispensa ao poço humilde, sempre a máxima atenção.

Lançando o copo ansioso, sem notar os sacrifícios, evita a poeira ou o lodo, que anulem os benefícios.

E sorve esse orvalho santo que vem da terra imperfeita, com o júbilo generoso de uma oração satisfeita.

No mundo, o mesmo acontece: Nas agruras do caminho, cada qual pode apelar às posses do seu vizinho.

Mas, se agita a lama em torno, como quem fere e escabuja, o poço apesar de bom, só pode dar-lhe água suja.

O POSTE

No quadro que te rodeia, em pleno bem destacado, há de ver no poste humilde um servidor devotado.

Encontra-se em toda parte, com a decisão de quem zela, na cidade mais formosa, na lavoura mais singela.

Conhece o rumo acertado das fábricas, das usinas, coopera nos resultados do esforço das oficinas.

Ao calor do sol a pino, como à frescura do orvalho, sempre firme no seu posto, exemplifica o trabalho.

Atende aos bens do serviço, noite toda, dia inteiro, ampara a luz da avenida, como escura um chuchuzeiro.

Se há lugarejo às escuras, em justa necessidade, o poste vence as distancias, em busca da claridade.

Operários sem recursos, para o pão de cada dia?

Vai direto às quedas da água, à procura da energia.

Auxilia nos transportes, coopera nas ligações, segura avisos na estrada, fornecendo informações.

Não cobra, por seus trabalhos, nem ordenados, nem multa, na sua doce humildade é um benfeitor que se oculta.

O poste compele o homem, sem vaidade, sem cobiça, a fugir, em qualquer parte dos venenos da preguiça.

O PRATO

Dentre as coisas mais singelas do lar carinhoso e grato, é justo reconhecer a doce lição do prato.

Esperando calmamente comensais, em torno à mesa, exemplifica, bondoso, a ternura e a gentileza.

Primoroso companheiro de humilde e de atenção, por servir a quem tem fome aguarda o partir do pão.

Satisfaz a toda gente, sem sombras de vaidade, não olha conveniência, atende à necessidade.

Por vezes, o comensal, a quem o vinho estimula, entrega-se à embriaguez, à licença, ao crime, à gula.

Mas o prato está sereno, por fazer e obedecer, permanece em seu lugar, submisso ao seu dever.

Em geral, servem-se dele, sem qualquer preocupação; pouca gente lhe dedica o amparo da gratidão.

E se o prato, certo dia, conhece o aniquilamento, não é por ele, é por nós, no campo do esquecimento.

Neste símbolo singelo de obediência e bondade, sentimos a lei que rege o espírito da amizade.

Conserva teu amigo, guarda a luz que recebeste.

Não desrespeites na vida o prato onde comeste.

O REGADOR

No trabalho generoso que se impõe ao lavrador, destaca-se a parte ativa que compete ao regador.

Modesto, pronto ao serviço, que se deve à horticultura, atende bondosamente a toda sementeira.

Se tarda a chuva amorosa para a leiva ressequida, vem ele silencioso e espalha as águas da vida.

É o sublime protetor dos germes por excelência, e no esforço que desdobra não conhece preferência.

Não separa ao benefício os lírios da couve-flor, disposto à fraternidade, obedece ao Pai de Amor.

Também não pede à batata que amadureça num dia, e exemplifica a esperança em paz e sabedoria.

Amigo da sementeira, espalha a bondade imensa, servindo sem aflições e dando sem recompensa.

Esforça-se o ano inteiro, muitas vezes sem intervalo, por cuidar de flores ricas, que nunca virão cuidá-lo.

No campo de ajuda aos outros, atenta no regador, onde o Cristo te conduza prestando assistência e amor.

Não procures resultados, não vivas de inquietação, faze o bem, atenta a vida, e espera da evolução.

O REMÉDIO

O doente neste mundo, que deseje melhorar, jamais encontra remédio saboroso ao paladar.

Por ministrar reconforto, fazendo caminho à cura, o melhor medicamento tem ressaibos de amargura.

Todo enfermo esclarecido, de senso nobre e louvável, já sabe que seu remédio tem gosto desagradável.

Se a memória é renitente, mais áspera e mais revel, a justa medicação amarga, sabendo a fel.

Por vezes, a beberagem não basta à restauração, é preciso o bisturi na zona de intervenção.

Contra o campo infeccioso, providência compulsória, angústias do pensamento sobre a mesa operatória.

Há remédios variados: Purgante, choque, sangria, compressas e pedilúvios, recursos de cirurgia.

Sempre o fel do sofrimento amigo, reparador, tortura que retifica a dor que remove a dor.

Se é grande o sacrifício no campo da cura externa, pondera sobre o equilíbrio necessário à vida eterna.

Nos dias de grandes dores, vive a fé, guarda-te em calma.

Grandes males no teu corpo são remédios na tua alma.

O RIBEIRO

Entre os bens da Natureza, tem o homem, cada dia, no ribeiro claro e manso lições de sabedoria.

Ei-lo que passa sereno, em doce fidelidade, dá vida aos paíóis do campo, conforta e limpa a cidade.

Busca as terras desprezadas que nunca tiveram dono, atende as raízes tristes, deixadas ao abandono.

Converte toda tarefa num dom gratuito e suave, mata a sede da serpente, como o faz à flor e à ave.

Cumprindo o labor de sempre, nunca cessa de correr, ensina a perseverança, exemplifica o dever.

Se a chuva lhe traz a enchente, vai além da obrigação, busca a terra deserdada e lhe ensina a dar mais pão.

É tão sereno e bondoso, tão amigo e tão perfeito, que não se nega a ajudar a mão que lhe muda o leito.

O ribeiro carinhoso não cessa de trabalhar, parece o semeador que saiu a semear.

E vendo que Deus é o dono das sementes multifárias, nunca volta no caminho as contas desnecessárias.

Ao homem do mundo inquieto, o ribeiro calmo ensina como agir e confiar na Providência Divina.

O SILÊNCIO

Quem procura no silêncio a inspiração e a beleza, penetra o templo invisível das forças da Natureza.

Jamais sentiste o cansaço no excesso de burburinho?

O silêncio é o companheiro que conhece o bom caminho.

Em seu campo generoso, há tréguas ao pensamento, recebe-se luz sublime de verdade e entendimento.

O homem que se mergulha nas vozes do turbilhão, condena-se, muita vez, aos cárceres da aflição.

É preciso, quase sempre, procurar na solidariedade a solução dos problemas á luz da serenidade.

Se possível, vai ao plano das árvores carinhosas, onde as coisas falam sempre em notas harmoniosas.

Mas se não podes fugir ás zonas de inquietação, procura o silêncio amigo na paz da meditação.

Todos temos em nós mesmos os vales da experiência e as montanhas solitárias nos cimos da consciência.

Não te dêes todo aos rumores das lutas de cada hora; que a palavra seja em tudo tua serva e não senhora.

Quando achares no silêncio os segredos da energia, terás penetrado a esfera de paz e sabedoria.

O SOL

Se queres tranqüilidade, bem estar, humor de escol, não deixes de ponderar no esforço da luz do sol.

Contra os males do caminho, contra a doença e a tristeza, convém a observação das forças da Natureza.

Esse sol bondoso e franco, que brilha através do abismo, e bem a fonte amorosa do trabalho e do otimismo.

Não vacila em seus deveres, tudo chama ao seu calor, derrama por toda a parte os raios de vivo amor.

Há ruínas entre os homens, guerra e sombra entre os ateus?

Acima de tudo, entende o bem do serviço a Deus.

Milênios sobre milênios ...

E amando os lares e os ninhos, vem o sol diariamente dar vida nova aos caminhos.

Jamais se desesperou ante os pântanos do caos, abraçando o mundo inteiro, ilumina bons e maus.

Aquecendo a casa nobre da metrópole mais bela, não esquece a folha tenra que surge pobre e singela.

Brilha em tudo para todos, sem privilégio a ninguém, encontrando o homem do mal só sabe fazer-lhe o bem.

Esse sol amigo e farto, que revigora e ilumina, retrata em toda a expressão a Providência Divina.

O TIJOLO

Dos serviços da olaria, onde há lama em desconsolo, é justo aqui salientar as sugestões do tijolo.

Barro pobre e ignorado, extraído em baixo nível, a princípio não parece mais que lama desprezível.

Batido, dilacerado, ao peso do amassador, é pasta lodosa e humilde do subsolo inferior.

Após o rigor imenso de luta grande e escabrosa, levado ao forno candente, sofre a queima dolorosa.

Apagado o fogo rude, o tijolo pequenino, embora a modéstia enorme, é retângulo divino.

Saiu da lama humilhada, foi pisado de aspereza, foi queimado, mas agora é base de fortaleza.

Apesar da pequenez, é a nota amiga e segura, que constrói bondosamente a casa da criatura.

É a bênção, filha do pó, que as fornalhas não consomem, é terra purificada, servindo de abrigo ao homem.

Procura, amigo, entender este símbolo profundo: Não te esqueças do trabalho na olaria deste mundo.

Tão logo purificares o barro inferior do mal, a experiência é o tijolo em tua casa imortal.

O TRONCO E A FONTE

Um tronco frondoso e verde erguia-se além da fonte.

Perto, o solo pobre e seco, longe, as luzes do horizonte.

Certo dia, disse a fonte: - Dá-me a sombra de teu galho, o duro chão me consome, dá-me teu brando agasalho!...

Respondeu-lhe o tronco antigo: - Vem a mim! Serei feliz!...

Serás a seiva da seiva que me alimenta a raiz.

Desde então, o tronco e a fonte uniram-se a plena luz da grandeza que dimana da bondade de Jesus.

O tronco reconheceu, vibrando de terno amor, que a fonte era a mãe bondosa de sua seiva interior.

E a fonte viu nele o pai de sua imensa alegria, repousando em sua paz nas lutas de cada dia.

Desde então, cantaram hinos de hosanas ao criador, entre frutos dadivosos na estrada cheirando à flor.

À raiz, a água da vida levava consolação; e o tronco elevou-se ao Céu com a fonte no coração.

Houve sol e sombra amiga, flor e frutos na ramagem; cantigas de passarinho, harmonizando a paisagem.

Duas almas que se irmanam na luz dos afetos seus, são esse tronco e essa fonte guardados no amor de Deus.

O VAU

Por benfeitor venerável, no seio da natureza, rola o rio caudaloso escondendo a profundidade.

Enquanto busca reserva, guardando seu próprio leito, ninguém se arrisca à passagem sem cuidado e sem respeito.

O rio jamais se nega a ceder na travessia, mas todos se acercam dele com a máxima cortesia.

Socorrem-se os viajantes do auxílio de embarcação, e espera-se a ponte amiga como justa construção.

Mas, se um dia, por descuido, o rio apresenta o vau, ai dele! O destino agora é triste, amargoso e mau.

Ninguém lhe receia as águas noutro tempo respeitadas; invadem-nas cavaleiros, carros, toras e boiadas.

As correntes que eram puras, e amadas por justa fama, rolam sujas e insultadas de lodo, de lixo e de lama.

A ponte dorme em projeto e o rio, embora a beleza, depois que exibiu o vau, nunca mais teve defesa.

As nossas almas também são como o rio profundo..

A zona de intimidade precisa ocultar-se ao mundo.

O mal quer turvar-nos sempre.

Vigia, resiste e vence-o.

Se queres respeito e paz, não te esqueças do silêncio.

O VENTO

Quando passes no meu caminho dando luz ao pensamento, não deixes de meditar na doce missão do vento.

Quem lhe imprimiu tanta força?

Donde vem? De que maneira?

Parece o sopro do céu alentando a sementeira.

Une as frondes amorosas, acaricia a ramagem, é um fluido caricioso amenizando a paisagem.

É o mensageiro bondoso da alegria e da abundância, trocando os germes da vida, vencendo a noite e a distância.

De outras vezes é um amigo com fraternas exigências, que pratica nos caminhos profundas experiências.

Se a flor é infiel à seiva que lhe deu força e guarida, o vento condu-la ao chão, só deixando a flor da vida.

Seu papel na natureza vai da vida à seleção, permutando os germes puros das sementes de eleição.

Também, na vida da Terra, a função do sofrimento parece identificar-se com os fins da missão do vento.

Troca ele as nossas almas, mata as flores da ilusão, refunde os nossos valores em nova fecundação.

O turbilhão de amargores é mais vida envolta em véus povoando a nossa estrada com os germens da luz dos céus.

O VÔO

Aos que aprendem no silêncio, sem sombras e sem entraves, há sempre grandes lições no vôo comum das aves.

Todas elas têm nas asas um dom formoso e excelente, mas cada grupo utiliza-o de maneira diferente.

Recordemos que a avestruz, exemplo que mais destoa, é a maior das grandes aves, muito bela, mas não voa.

As galinhas igualmente, queridas e admiradas, se voam alguns segundos, caem trêmulas, cansadas.

Os patos, perus e gansos, de grande conformação, toleram somente os vôos que as arrastem junto ao chão.

Os corvos pairam no alto, mas o abutre da preguiça aproveita a elevação para a busca de carniça.

As andorinhas, porém, librando no azul da esfera, esquecem o inverno e a lama, procurando a primavera.

OS ANIMAIS

Na casa da Natureza, o Pai espalhou com arte as bênçãos de luz da vida, que brilham em toda a parte.

Essas bênçãos generosas, tão ricas, tão naturais, são notas de amor divino na esfera dos animais.

Não te esqueças: no caminho, praticando o bem que adores, busca ver em todos eles os nossos irmãos menores.

A Providência dos Céus jamais esquece a ninguém; Deus que é Pai dos homens sábios, é Pai do animal também.

A única diferença, em nossa situação, é que o animal não chegou às vitórias da Razão.

Entretanto, observamos em toda a sua existência os princípios sacrossantos de amor e de inteligência.

Vejamos a abelha amiga no grande armazém do mel, a galinha afetuosa, o esforço do cão fiel.

O boi tão útil a todos, é bondade e temperança; o muar de força hercúlea obedece a uma criança.

Ampara-os, sempre que possas, nas horas de tua lida.

O animal de tua casa tem laços com tua vida.

A lei é conjunto eterno de deveres fraternais: Os anjos cuidam dos homens, os homens dos animais.

OS CAMINHOS

O caminho mais humilde, seja na vila ou na serra, é convite carinhoso que o Pai traçou sobre a Terra.

Qualquer estrada do mundo é sugestão de bondade, por trazer às criaturas os bens da fraternidade.

È a chave silenciosa das mais belas ligações, que aproxima os interesses no elo dos corações.

A avenida na cidade, em luz quente, clara e viva, é chamamento mais forte para a união coletiva.

Se o caminho é do trabalho no labor do ganha-pão, é trilho amado e bendito de muita satisfação.

Se é traço rude e singelo, aberto no campo em flor, abre acesso à Natureza – a eterna mestra do amor.

Há caminhos para o templo, para o lar, para a oficina, todos eles são recursos da Providência Divina.

A excelsa sabedoria jamais esqueceu ninguém, dispondo todas as sendas para a luz e para o bem.

Somente o homem da Terra, na ambição negra e fatal, abusa dos dons do Céu, caminhando para o mal.

Ditoso quem reconheça em toda estrada uma luz, quem conduz à claridade do Caminho, que é Jesus.

FIM.

Acervo